

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Os museus como instância educativa ao serviço dos idosos

Madalena Louro Silva Ferreira

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:
Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2021



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Os museus como instância educativa ao serviço dos idosos

Madalena Louro Silva Ferreira

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Sandra Mateus, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2021

Agradecimentos

Começo por agradecer à minha família por estarem sempre presentes e ajudarem nos momentos mais aflitivos.

À minha orientadora, Professora Doutora Sandra Mateus por toda a sua orientação e apoio no decorrer do trabalho.

Agradeço também à Professora Doutora Teresa Seabra pela sua disponibilidade e acompanhamento durante as aulas.

E por fim, institucionalmente, a todos os Museus e respetivos entrevistados (Diretores e Representantes das equipas técnicas) pela sua disponibilidade e assim permitirem a realização deste trabalho, sendo eles, o Museu Nacional de Etnologia, Museu de Arte Popular, Museu Coleção Berardo, Museu Fundação Oriente, Pavilhão do Conhecimento – Centro Ciência Viva, Museu Nacional dos Coches, e, ao Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, em particular à Doutora Catarina Moura.

Resumo

Esta dissertação pretende dar relevância ao tema da educação não formal, estudada no contexto dos museus enquanto instâncias educativas, particularmente no que diz respeito à forma como direcionam a sua oferta para o público idoso. Os objetivos passaram por analisar as ações educativas de teor não formal, promovidas pelos museus em estudo destinadas ao público idoso, e, identificar a forma como os responsáveis fomentam esse tipo de ações, particularmente os diretores e responsáveis pela área educativa. Foi adotada uma metodologia qualitativa com recurso à entrevista semi-estruturada. Foram realizadas oito entrevistas a vários responsáveis da equipa dos Serviços Educativos de sete museus localizados em Lisboa. As principais conclusões revelam-nos que há semelhanças nas ações educativas desenvolvidas, que são visitas guiadas/orientadas, visitas temáticas e atividades mais práticas. Focam-se em promover competências e conhecimentos, criando relações entre os públicos e as coleções. Apostam na partilha intergeracional e multicultural e na inclusão e integração de todos. As suas ações vão ao encontro da diversidade e especificidade dos idosos.

Palavras-chave: Educação não formal, museus, ações educativas, envelhecimento ativo, competências

Abstract

This dissertation intends to give relevance to the theme of non-formal education, studied in the context of museums as educational instances, particularly with regard to how they direct their offer to the elderly public. The objectives were to analyze the educational actions of non-formal content, promoted by the museums under study aimed at the elderly public, and to identify how those responsible encourage this type of action, particularly the directors and those responsible for the educational area. A qualitative methodology was adopted using semi-structured interviews. Eight interviews were carried out with various heads of the Education Services team of seven museums located in Lisbon. The main conclusions reveal that there are similarities in the educational actions developed, which are guided tours/guided visits, thematic visits and more practical activities. They focus on promoting skills and knowledge, creating relationships between audiences and collections. They are committed to intergenerational and multicultural sharing and inclusion and integration of all. Its actions meet the diversity and specificity of the elderly.

Keywords: Non-formal education, museums, educational activities, active aging, skills

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	v
Índice de Quadros	ix
Introdução	1
Capítulo 1. Enquadramento teórico	3
1.1. Envelhecimento Populacional	3
1.1.2. Sociedade Educativa	5
1.1.3. Envelhecimento Ativo e Educação Não Formal	6
1.1.4. Cidades Educadoras	8
1.2. Contextualização dos Museus	9
1.2.1. Importância das Ações Educativas	11
1.2.2. Museus e o público idoso	12
1.3. A realidade Museológica em Portugal	14
1.3.1. A realidade Museológica em Lisboa	15
1.3.2. Museus e Serviços Educativos	15
Capítulo 2. Metodologia	17
Capítulo 3. Desenvolvimento: Análise e discussão de dados	19
3.1. Apresentação e Análise dos dados obtidos através das fontes documentais	19
3.2. Apresentação e Análise dos dados obtidos através das entrevistas	19
3.2.1. Descrição dos entrevistados	19
3.2.2. Características dos Serviços Educativos	21
3.2.3. Relação do Museu com o público idoso	26
3.2.4. Caracterização do perfil do público idoso	28
3.2.5. Estratégias de implementação das atividades	31
3.2.6. Atividades realizadas destinadas ao público idoso	33
3.2.7. Competências promovidas nos idosos	35
Conclusões	37
Referências Bibliográficas	41
Webgrafia	43
Anexos	47

Anexo A – Listagem das Ações Educativas para o público idoso em cada museu	47
Anexo B - Guião de Entrevista ao Diretor/Diretora responsável pelo Serviço Educativo	53
Anexo C - Guião de Entrevista a um representante da equipa técnica que operacionaliza as ações do Serviço Educativo	55

Índice de Quadros

Quadro 3.1 – Caracterização das entrevistas realizadas	20
Quadro 3.2 – Fatores tidos em conta para a adequação da implementação das atividades	31
Quadro 3.3 – Estratégias e Métodos adotados	32
Quadro 3.4 – Caracterização das atividades realizadas em cada instituição	33

Introdução

Quando pensamos em educação não nos devemos focar somente na educação dada pela escola e que se destina apenas às crianças e aos jovens (Bernet, 1993), mas sim numa educação permanente, que ocorre noutros espaços da cidade e que se desenrola durante toda a vida, independentemente da idade que se tenha (Loureiro, 2019).

Não só a ideia do que é a educação se tem alterado, como também as sociedades. Com estas mudanças sociais surgem novos desafios aos quais se devem dar resposta; um deles é o envelhecimento populacional e o outro são as sociedades do conhecimento que exigem cada vez mais novas competências e capacidades. Para tal, é aconselhável contribuir para um envelhecimento ativo através de uma educação não formal.

As cidades podem desempenhar aqui um papel fundamental através da oferta das suas infraestruturas como é, por exemplo, o caso dos Museus. Estes passaram a desempenhar um papel junto das comunidades potenciando o seu desenvolvimento social e educativo, dinamizando a cultura e funcionando como instrumentos de aprendizagens ao longo da vida (Alves dos Santos, 2009).

Desta forma, torna-se fundamental dar a devida importância ao tema da educação não formal e, mais especificamente, ao tema aqui tratado 'Museus enquanto instância educativa em Portugal' direcionada para o público idoso.

Alguns autores referem o facto de existirem poucos estudos nacionais sobre o envelhecimento ativo, sobre a participação dos idosos em atividades de museus; e sobre os museus e a sua relação com a educação não formal, acrescentando também, que estes temas têm sido pouco explorados (Neves, Santos, Lima & Miranda, 2019; Neves *et. al*, 2018; Marcelino, 2014; Filippopoliti & Koliopoulos, 2014).

Tudo isto realça a relevância deste tema bem como a sua pertinência uma vez que cada vez mais a sociedade portuguesa vê aumentar a população envelhecida.

A razão da escolha desta temática deve-se a questões de interesse pessoal, mas também por ser um tema atual que tem vindo cada vez mais a ganhar relevância científica (Mendes, 2013).

Neste sentido, o nosso objeto de estudo serão as ações educativas desenvolvidas por alguns museus em Lisboa, para o que partiremos da seguinte questão: de que forma é que os museus incluem ofertas de educação não formal destinadas ao público mais velho, concretamente os idosos?

É nosso objetivo analisar as ações educativas promovidas por diferentes museus, de maneira a saber o que é feito neste domínio, nomeadamente no âmbito da educação não formal destinada aos idosos, e, identificar as formas como os responsáveis pela área educativa das diferentes instituições bem como os respetivos diretores/as fomentam estas ações.

Para conseguirmos obter as respostas que procuramos, iremos apoiar-nos numa metodologia qualitativa, e será usada como instrumento de recolha de dados a entrevista semi-estruturada, de maneira a ser possível uma maior abertura na conversa com os entrevistados e uma maior flexibilidade no guião.

Este estudo é composto por um primeiro capítulo que diz respeito ao enquadramento teórico, o qual possibilita a compreensão das diferentes perspetivas dos autores que já trataram o presente tema; um segundo capítulo que diz respeito à metodologia, sendo referido os métodos e técnicas utilizadas para o desenvolvimento desta investigação; um terceiro capítulo que diz respeito à análise dos resultados; e, por fim, as conclusões do estudo.

CAPÍTULO 1

Enquadramento Teórico

1.1. Envelhecimento Populacional

Atualmente verifica-se o envelhecimento da população como um fenómeno mundial, sendo Portugal um dos países onde este se tem agravado (Loureiro, 2019; Antunes & Jesus, 2018; Bárrios, 2011). Para alguns autores, este envelhecimento da população portuguesa deve-se a dois fatores: o aumento da esperança média de vida, e, a baixa natalidade (Aboim 2014; Marcelino, 2014; Lopes & Lemos, 2012; Rosa, 2012).

Rosa (2012) considera que um dos impedimentos das sociedades contemporâneas envelhecidas tem a ver com o significado social dado à idade, uma vez que os outros esperam de cada um de nós uma participação social diferente conforme somos classificados como jovens, ativos ou idosos. *“Existe, assim um reconhecimento do valor social de cada individuo que é independente das suas reais capacidades, estipulando que os mais velhos são, em qualquer circunstância, menos interessantes do que os menos velhos.”* (p. 15).

Quando se aborda este tema do envelhecimento, podemos analisá-lo a partir de dois conceitos diferentes: o envelhecimento individual e o envelhecimento coletivo.

O conceito de envelhecimento individual envolve o envelhecimento cronológico, ou seja, resultante exclusivamente da idade, e, o envelhecimento biopsicológico, ligado às várias vivências de cada pessoa. Como afirma Rosa (2012) é difícil identificar de forma exata qual o início das marcas mais significativas do envelhecimento visto que este depende de individuo para individuo através das suas vivências, hábitos, estilos de vida, género, da sociedade em que se insere, etc.. Assim cada um exhibe sinais de envelhecimento de modo singular e pessoal (Rosa, 2012; Silva, Pimentel & Carvalho, 2010). Deste processo de envelhecimento individual também faz parte a velhice, sendo adotados relativamente a esta condição, valores diferentes conforme as pessoas e as sociedades, podendo ser visto como algo positivo (privilégio de ter aquela idade e ter experiência de vida) ou como algo negativo (associado à fase final da vida, onde existem manifestações de perdas de capacidades físicas, perdas de protagonismo e de importância, o que leva ao isolamento e solidão social).

Quanto ao conceito de envelhecimento coletivo, este inclui o envelhecimento demográfico (consistindo quer nos atributos pessoais, condições de saúde, etc., quer em datas consideradas para classificar categorias etárias fixas como o de ser idoso, podendo este último também ser referido como terceira idade), e, o envelhecimento da sociedade (estagnação de pressupostos organizativos da sociedade).

De acordo com Capucha (2014) não existe apenas uma designação, mas sim várias designações de ser idoso, uma vez que *“(...) existem muitas pessoas em fases diversas do último tramo da vida, que partilham atributos que se foram diversificando e a respeito das quais mudaram as representações sociais, os valores, os estereótipos, as políticas, as práticas relacionais e os contextos de vida.”* (p. 114). Esta diferenciação não está limitada à distinção por idade nem pelas capacidades, mas também se deve às diferenças de classe social, de rendimento, de género, de autonomia, etc..

Desta forma, entende-se que não é fácil definir esta população visto que não existe um consenso no que diz respeito à idade cronológica em que a pessoa passa a ser denominada de idosa. Porém, conforme a Estratégia Nacional Para o Envelhecimento Ativo e Saudável 2017-2025 (SNS, 2017) e o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2002), em Portugal considera-se uma pessoa idosa alguém com 65 ou mais anos de idade.

Aboim (2014) acrescenta que de acordo com normas sociais os portugueses associam a entrada na velhice por volta dos 65 anos, sendo esta a idade a partir da qual se considera que o indivíduo é idoso. Contudo, outros classificam esta população como a dos sujeitos com 60 anos ou mais dado que a associam à idade da reforma, embora presentemente a mesma tenha sido elevada para os 66 anos. Também, segundo Mauritti (2004), nesta categoria podem entrar aqueles com reformas antecipadas ou inatividade (55-64 anos).

No entanto, a idade cronológica pode ter pouca importância para definir o que é ser idoso visto que noutros contextos, como em países em vias de desenvolvimento, o envelhecimento ganha outros significados sociais; em concreto, os papéis atribuídos às pessoas mais velhas, ou noutros casos a perda destes papéis acompanhados do declínio físico são definidores de velhice.

A exercerem forte influência neste processo de envelhecimento encontram-se fatores económicos, pessoais (genéticos, biológicos e psicológicos), a nível dos serviços de saúde, sociais, ambientais e comportamentais (Loureiro, 2019; Marcelino, 2014). Por sua vez, Ferreira (2015) e Cabral *et al* (2013) consideram que os fatores que acompanham o envelhecimento como a redução da capacidade funcional não devem ser fatores definidores para o envelhecimento nem justificar a sua exclusão da vida social.

Para além destas modificações a que a população está sujeita, também as sociedades atuais se modificam, exigindo cada vez mais competências e novos saberes de quem nela se insere, independentemente da sua idade, levando a novas possibilidades e limites no que respeita aos idosos (Azevedo, 2019). Sendo assim, a educação torna-se fundamental para fornecer o acesso a estes grupos que são excluídos socialmente.

1.1.2. Sociedade Educativa

Conforme diz Ávila (2008), as sociedades atuais sofrem constantes mudanças onde se exige cada vez mais dos indivíduos, quer a nível de saberes, de novas competências, quer de novas qualificações, de maneira a que estejam aptos a enfrentarem os vários desafios impostos.

É através da evolução e da propagação das tecnologias da informação nos vários domínios sociais e económicos que se forma uma sociedade com base no conhecimento, o que leva a um aumento do acesso a esse mesmo conhecimento e à acumulação, partilha e difusão deste (Azevedo, 2019; Ávila, 2008).

Pretende-se, assim, que as pessoas adquiram conhecimentos e façam uso dos mesmos, que sejam capazes de agir e tenham capacidades intelectuais e de gestão de maneira a saberem explorar, bem como procurar a informação necessária (Lyon, 1992 In Ávila, 2008). Porém, as oportunidades de desenvolverem estas capacidades não se encontram distribuídas de forma igual (Ávila, 2008).

É este conhecimento e esta informação que vai ter influência nos padrões culturais e nos modos de agir dos indivíduos, uma vez que são as desigualdades existentes que fazem com que as pessoas com níveis de escolarização e de qualificação mais baixa se encontrem em situações de pobreza, de maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho, empregos mais precários e mal remunerados (Ávila, 2008).

Assim, a educação e a formação desempenham um papel crucial pois são um recurso fundamental, possibilitando o acesso a determinadas posições sociais. Desta forma, torna-se essencial uma educação ao longo da vida, por forma a se conseguir adaptar e dar resposta às mudanças que vão ocorrendo em vários domínios (Ávila, 2008).

A sociedade pode, assim, caracterizar-se por ser uma sociedade educativa, visto que, todos os contextos se assumem como de aprendizagem, acabando por se esbater a distinção tradicional entre educação inicial e educação permanente. São estas aprendizagens que possibilitam melhores desempenhos individuais, como económicos, de participação e de apreciação, por exemplo, da arte (Rodrigues, 2003 In Ávila, 2008).

Assim sendo, os contextos de educação não formal podem proporcionar aquisições de competências e capacidades aos indivíduos, possibilitando que estes estejam inseridos socialmente e capazes de enfrentar o surgimento dos novos desafios. Este conceito junto com o de envelhecimento ativo, permitem promover intervenções que podem contribuir para colmatar estes problemas que os países enfrentam destas novas transformações, nomeadamente sobre esta população mais idosa (Bárrios & Fernandes, 2014; Bárrios, 2011).

1.1.3. Envelhecimento Ativo e Educação Não Formal

De maneira a que o envelhecimento seja uma experiência positiva (OMS, 2005), que os idosos tenham melhores condições de vida e as transições da vida ativa para a reforma sejam tomadas como uma oportunidade para assumir novos papéis sociais e um novo tempo de recomeço (Loureiro, 2019), é fundamental que seja possibilitado e fomentado um envelhecimento ativo. Antunes e Jesus (2018) reforçam que a melhor forma de prevenir os problemas do envelhecimento mencionados anteriormente, é manter o foco na valorização dos idosos e promover mudanças positivas de maneira a contribuírem para a sua adaptação, favorecendo assim o envelhecimento ativo e bem-sucedido.

Não nos podemos esquecer que apesar dos idosos terem características biológicas, cognitivas e sociais próprias da idade, estes também têm saberes e experiências que acumularam no decorrer das suas vidas, podendo assim continuar a contribuir para a sociedade, não sendo apenas uma fase da vida em que têm apenas necessidades e dificuldades a que o país tem que dar resposta (Loureiro, 2019).

O envelhecimento ativo, segundo a Organização Mundial de Saúde, define-se como um “(...) processo de optimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objectivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005, p. 13).

Desta forma, o envelhecimento ativo assenta no seguinte: na saúde como bem-estar físico, mental e social imprescindível para qualquer pessoa e idade; a segurança como garantia de paz e bem-estar dos idosos; e o direito à participação ativa do idoso na sua comunidade de maneira a que exerça a sua cidadania (Ribeiro & Paúl, 2012 In Antunes & Jesus, 2018; Marcelino, 2014). Em suma, consiste em possibilitar condições favoráveis à integração, securização e saúde dos idosos, uma vez que estes são os pilares definidores dos parâmetros de intervenção com o objetivo de aumentar o bem-estar bio-psico-social (Bárrios & Fernandes, 2014).

A educação passa assim por desafios, sendo preciso criar medidas, iniciativas e intervenções para que se melhore a qualidade de vida desta população em específico (Antunes & Jesus, 2018). A educação ao longo da vida possibilita que adultos e idosos continuem o seu processo formativo, tornando-se mais capazes de dar resposta às alterações que vão ocorrendo de maneira geral e aquelas inerentes à última etapa da vida (ICOM – International Council of Museums, 2007 In Antunes & Jesus, 2018).

Para que ocorra um envelhecimento ativo este deve incluir uma participação ao longo da vida dos idosos nos vários campos como o social, político, económico, cultural e cívico (Lopes & Pedrosa, 2018). Bárrios e Fernandes (2014) acrescentam que existe um conjunto de determinantes deste envelhecimento ativo como a cultura, o género, a organização dos serviços sociais e de saúde, ambientais, comportamentais e sociais que têm influência na vida de cada um.

Quando falamos aqui neste tipo de participação ao longo da vida referimo-nos ao conceito de educação não formal que diz respeito a uma aprendizagem ao longo da vida, num *continuum* (Gohn, 2014; Pinto, 2007; Canário, 2006). Esta pode ocorrer em vários lugares fora das instituições de ensino formal como por exemplo na rua, nos museus, etc., tendo várias entidades responsáveis como ONG's, entre outras. Estas respondem a um vasto conjunto de objetivos como a educação permanente de adultos, educação para o tempo livre, animação sociocultural, desenvolvimento comunitário, etc. (Bernet, 1993). Face aos outros tipos de educação caracteriza-se por possuir uma estrutura mais flexível, voluntária, por ter no centro as pessoas, partindo assim do que elas já sabem, bem como dos seus interesses e necessidades, e por ser uma educação intencional e planeada, onde se aprende através da interação com os outros, através das vivências e da partilha de experiências (Gohn, 2014; Moniz, 2011; Figurelli, 2010; Nogueira, 2007). Esta educação possibilita a participação ativa na sociedade bem como a troca de saberes entre gerações, incluindo todas as pessoas durante o seu ciclo de vida nomeadamente quando se é idoso (Loureiro, 2019). Xavier (2014) e Canário (2006) acrescentam que também permite a inclusão social e mudanças de comportamentos e atitudes como consequência da aquisição de novos conhecimentos e de competências sociais.

A educação assume aqui a função de conseguir que os idosos participem ativamente, de maneira crítica e criativa tanto na sociedade como nos contextos sociais que se encontram. Isto possibilitará reduzir declínios prematuros físicos e cognitivos e ainda contribuir para a sua socialização (Loureiro, 2019). Quanto maior e mais vasta for a oferta de educação não formal mais possibilidades existem para que cada pessoa encontre o modelo que melhor se dirige aos seus interesses e à sua situação em concreto. A oferta diversificada permite que todos participem e é mais acessível (Bernet, 1993).

Muitos dos recursos disponíveis para colmatar estes problemas, dificuldades e necessidades dos mais velhos são insuficientes e por vezes inadequados, assim torna-se fundamental promover a saúde num sentido de autonomia e capacitação ao longo do ciclo do envelhecimento. Desta maneira, torna-se importante a participação em atividades sociais visto que têm influência na forma de estabelecer e manter contactos sociais (Bárrios & Fernandes, 2014).

As atividades realizadas numa prática de educação não formal vêm precisamente contribuir para que seja possível uma educação de proximidade, incentivadora da participação, e permitir um reforço da autoestima de quem participa (Morand-Aymon, 2007; Nogueira, 2007). Para isto, é necessário que os países contribuam com equipamentos, infraestruturas, etc. que possibilitem e fomentem um envelhecimento ativo, tornando as estruturas e serviços acessíveis e inclusivos (Bárrios & Fernandes, 2014; Bernet, 1993). É neste contexto que surgem as denominadas cidades educadoras que fornecem um conjunto de equipamentos, recursos, meios de comunicação e instituições estáveis que geram este tipo de educação intencional e permanente (Bernet, 1993), potenciando ambientes saudáveis e promovendo a saúde, o bem-estar, a segurança, a interação social, a mobilidade bem como a acessibilidade de todos os cidadãos (Bárrios, 2011).

1.1.4. Cidades Educadoras

Um dos pontos centrais de uma cidade diz respeito à mobilidade, dado que esta possibilita as trocas quer sejam materiais ou de conhecimento. Na sociedade atual nem todos os grupos beneficiam da mesma formação cultural o que leva a uma acentuação de desigualdades (Bauman, 2013 In Carvalho, Lopes & Cancela, 2017).

É de realçar a influência que a cidade tem na identidade social do cidadão, com destaque para a mobilidade pela cidade. É no uso deste espaço público, bem como na sua exploração, que a formação cultural se fortalece e por consequência a identidade social dos indivíduos é formada (Carvalho, Lopes & Cancela, 2017). Assim, quando se fala em identidade social, cidadania e uso do espaço podemos referir-nos a uma cidade educadora, uma vez que esta assume como objetivo a valorização da função educativa, defendendo uma educação acessível a todos e não restrita a alguns espaços. A educação é fundamental para se compreender e usar adequadamente a cidade e, assim, ser-se cidadão em pleno (Carvalho, Lopes & Cancela, 2017). Cidade educadora é uma cidade que se relaciona com o seu meio envolvente, cujo objetivo permanente é o de aprender, trocar, partilhar e com isto contribuir para o enriquecimento da vida dos seus habitantes (Carta das Cidades Educadoras, 2004 In Carvalho, Lopes & Cancela, 2017).

Vieira e Aquino (2015 In Carvalho, Lopes & Cancela, 2017) consideram que a definição de cidade educadora pode ser ampla e com isso aplica-se a outros espaços, desde que se preocupem com a formação dos seus constituintes; desta forma, acreditam que uma cidade educadora pretende promover a cidadania, o lazer ou o tempo de ócio, o desporto, a saúde, a cultura, desenvolver a consciência ambiental, a melhoria da qualidade de vida, a participação política, assegurar a memória e a identidade cultural entre outros. O que se pretende é precisamente a formação, promoção e desenvolvimento de todos os habitantes da cidade valorizando-se uma aprendizagem ao longo da vida (Carta das Cidades Educadoras, 2004 In Carvalho, Lopes & Cancela, 2017), sendo que para a

concretização desses objetivos deve investir em equipamentos culturais. Os municípios devem possibilitar debates, espaços de formação e intercâmbio cultural e assim contribuir para a cidadania, isto é, contribuir para que os seus cidadãos tenham capacidade para pensar e desenvolvam o pensamento crítico sobre os aspetos que os rodeiam no seu dia a dia (Carvalho, Lopes & Cancela, 2017).

O que orienta as ações das cidades educadoras são as suas histórias, culturas, as necessidades das diferentes pessoas da sociedade. Tal acaba por criar um diálogo entre cidade e a educação, onde cada pessoa cria significados e identidades com o meio envolvente, bem como uma identificação com o espaço. É este diálogo que permite explorar o meio urbano, conhecê-lo e atribuir significados ao património e por consequência aprender a respeitá-lo e a valorizá-lo (Carvalho, Lopes & Cancela, 2017).

A cidade necessita de criar e adaptar espaços que possam permitir que todos os cidadãos usufruam deles e continuem a ser ativos ao longo das suas vidas, como por exemplo os museus que se assumem como espaços de educação não formal (Figurelli, 2010). São precisamente as atividades educativas realizadas nestes espaços culturais que podem funcionar como um modo de atrair outros públicos que não apenas o escolar (Costa & Senha, 2015) e contribuir para a cidadania, autonomia, auto-expressão e para uma velhice saudável e ativa (Bárrios & Fernandes, 2014). Assim, quanto maior for o diálogo entre o museu e a sociedade, maior é a possibilidade das pessoas se sentirem detentoras do património que as cerca, criando sentimentos de cidadania e identidade. Para além disso, podem reconhecer a importância da preservação do património que está dentro dos museus. Neste sentido, o museu deve trabalhar segundo uma perspetiva educativa transformadora, que inclua todos os públicos (Carvalho, Lopes & Cancela, 2017). Os museus podem, ainda, servir para conhecer a cidade, entendê-la quanto ao seu passado e quanto ao seu presente, preocupar-se e agir (Meneses 2003 In Carvalho, Lopes & Cancela, 2017).

1.2. Contextualização dos Museus

Devido a este contexto de mudança da sociedade, os museus sofrem influências de vários fatores sejam eles económicos, sociais, culturais, etc. relativamente aos quais é necessário fornecer respostas e adaptar o modo de atuação (Oliveira, 2013; Alves dos Santos, 2009). Estas alterações significaram uma reorganização das estruturas e do modo de funcionamento dos museus (Alves dos Santos, 2009). Estes passaram da esfera privada, bem como de uma postura mais fechada e centrada na sua coleção (gabinetes de curiosidades e de colecionadores, restrito a grupos específicos), para a esfera pública, para uma postura mais aberta, comunicativa e procurando ir ao encontro de quem o rodeia (Braga, 2018; Filippoupoliti & Koliopoulos, 2014; Alves dos Santos, 2009).

Neste sentido, a função do museu passa de salvaguardar e expor o património, com o objetivo de recolher, tratar, guardar e expor os objetos (Braga, 2018) para ter um papel mais ativo na educação e desenvolvimento da sociedade sob o ponto de vista cultural, social e económico (Braga, 2018; Marcelino, 2014; Gomes & Bernardo da Cunha, 2013). Passa a ter uma função mais social, mas também uma função socioeducativa uma vez que o museu assume-se como uma instituição que possibilita uma comunicação que estimula a reflexão e o pensamento crítico, o que leva ao desenvolvimento e formação dos indivíduos (Primo, 1999 In Braga, 2018).

Também o conceito de museu foi sofrendo alterações tanto a nível cultural como histórico ao longo dos anos (Braga, 2018). Atualmente, de acordo com o ICOM (In Braga, 2018), os museus são entidades legalmente constituídas, regendo-se por estatutos de organismos internacionais, podendo ser definidos como *“instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.”* (Braga, 2018, p. 21). Em Portugal, os Museus obedecem a uma legislação própria e são definidos como

“(…) uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) Garantir um destino unitário de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos, b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.” (Braga, 2018, pp. 21-22).

Quando o museu assume este papel de agente de desenvolvimento local contribui para a democratização e cidadania, na medida em que torna os públicos mais informados e conscientes da autoformação, do saber, saber fazer, saber ser e aprender a relacionar-se com os outros (Bernet, 1986).

Em Portugal existem museus sob a tutela de diversas entidades, como museus de universidades, de ministérios, de empresas, dos municípios e de associações. A maioria dos museus tem na sua base a identidade cultural de uma determinada região, o que se traduz num papel de intervenção no desenvolvimento local da comunidade em que se encontram. Os museus podem, assim, empreender um conjunto de ações que envolvam e beneficiem a comunidade, contribuindo dessa forma para o seu desenvolvimento. Tornam-se, pois, numa entidade cultural ao serviço da sociedade, tendo um papel fundamental na vida social (Braga, 2018; Figurelli, 2012).

Através da identificação de algum problema social é possível estudar, definir e desenvolver um conjunto de práticas museológicas que possibilitem solucionar o problema. Pode dar-se a conhecer esse problema e sensibilizar as pessoas para o envolvimento e participação na sua resolução (Braga, 2018).

O diálogo e a aprendizagem promovidos através da observação dos objetos reais fornecem experiências bastante enriquecedoras que contribuem para a aquisição e desenvolvimento de conhecimento através da educação não formal; desta forma, atualmente os museus são vistos como espaços de educação não formal e de lazer ou ócio independentemente da idade, bem como locais de combate à exclusão social, de promoção da cidadania ativa, do desenvolvimento pessoal e da inovação (Neto, Fortunato, & López, 2017, In Braga, 2018).

1.2.1. Importância das Ações Educativas

Devido a este contexto atual alguns museus foram desenvolvendo ações educativas para os seus públicos, tendo em conta tanto a conservação e o estudo das coleções, como a importância do seu papel educativo através do conjunto de informações que disponibilizam ao público em geral (Braga, 2018). Visto que nem todos têm acesso à cultura dita erudita e capacidade de compreendê-la, para combater esta exclusão deve proceder-se à motivação, desenvolvimento de competências e aspirações e permitir uma maior acessibilidade de todos. Assim, a educação e as ações sociais juntamente com o acesso à informação e às tomadas de decisão, tornam-se fundamentais para diminuir estas barreiras a nível físico, intelectual, emocional e tecnológico. Desta forma, o museu deve promover uma abordagem holística (Oliveira, 2013). A promoção de um conjunto de atividades interativas permite interrogar e pensar sobre algo sem um conhecimento prévio, sendo que o diálogo é estimulado ao longo da exposição. Também pode ser um meio onde as pessoas fazem conexões entre as suas vidas e aquela experiência concreta (Oliveira, 2013). Existe, assim, a necessidade de envolver e articular o conhecimento relacionado com o contexto interno e externo ao museu (Braga, 2018).

Brandão (1996) acrescenta, ainda, que esta preocupação com os públicos bem como da qualidade e do tipo de informação dada nos museus levou a um esforço em renovar as exposições, para que sejam mais apelativas, informativas e acessíveis e com isto tem-se também desenvolvido e implementado os denominados Serviços Educativos nos museus, constituídos por técnicos com formação pedagógica. É precisamente neste contexto, em que a cultura deixa de ser restrita e fica ao acesso de todos, que emergem os serviços culturais disponibilizados pelas instituições, concretamente o serviço educativo (SE) com atividades para ocupação de tempos livres ou de ócio de carácter educativo formal e não formal. Têm como objetivo a democratização da cultura, fornecer respostas às novas exigências e necessidades da sociedade, mas também possibilitar e potenciar o aparecimento de novos públicos (Moniz, 2011) através de uma vasta oferta adaptada e específica, consoante os mesmos (idosos, famílias, público escolar, com diversos níveis de ensino, pessoas portadoras de deficiência, etc.). Esta adaptação permite uma melhor contextualização e comunicação através dos

objetos, possibilitando que o público seja um mediador e intérprete dinâmico das coleções do museu (Braga, 2018).

Dawson (2014) acrescenta que os serviços educativos funcionam como guias, fornecem apoio, orientam, dão suporte e assistência, por exemplo linguística, para que as pessoas consigam decodificar o que as rodeia no museu. Não basta assim fornecer o acesso à infraestrutura, isto é, acesso a meios de transportes, custo de entrada, acessibilidade de entrada física etc., mas também fazer com que as pessoas sejam capazes de entender o que fazer nela, para assim se identificarem com o espaço, usufruírem do mesmo de forma positiva, e voltarem. A solução parte do respeito pelas origens sociais e linguísticas de cada pessoa (Dawson, 2014) e da construção de narrativas dos serviços educativos e do seu público conforme a sua perspectiva (Coffee, 2008). Nas últimas décadas, estas ações como atividades, iniciativas, programas e projetos de cunho educativo têm vindo a ocupar cada vez mais espaço nas agendas e programações dos museus (Neves, Alves dos Santos & Lima, 2013; Figurelli, 2012).

Em suma, de acordo com Alcoforado, Rodrigues e Alcoforado (2016), as ações dos museus têm-se focado na necessidade de desenvolver exposições didáticas, onde a informação seja explícita e explicada e onde as experiências educativas apelem a uma reconstrução dos sistemas simbólicos individuais e coletivos. Estas ações educativas contribuem para a cidadania, onde todos são responsáveis pelo processo de mudança e, desta forma, todos devem de ter as mesmas oportunidades de participação. Assim sendo, os museus devem pensar em todos como público-alvo das suas iniciativas educativas, adaptando as ações às diferentes idades (Figurelli, 2012). As ações educativas fornecem o contato do público com o bem cultural contribuindo para os processos de construção de conhecimentos que fazem parte do desenvolvimento do ser humano. Assim, um museu que tenha o foco na sociedade e que tenha ações educativas vai fornecer experiências que privilegiem a sua aprendizagem (Figurelli, 2012).

Sabe-se que os museus através dos serviços educativos têm desenvolvido um trabalho significativo no que toca ao público escolar, tendo atualmente uma afluência elevada. Mas necessita, ainda, de ir ao encontro dos outros públicos (Moniz, 2011), e, neste caso em concreto, aprofundar o trabalho com o público idoso (Neves, Santos, Lima & Miranda, 2019; Neves *et. al*, 2018).

1.2.2. Museus e o público idoso

De acordo com Sousa (2010), os museus podem contribuir para a promoção do envelhecimento ativo, principalmente se tiverem ações com base em metodologias de animação sociocultural. Tratando-se de espaços que garantem a identidade cultural dos povos e das comunidades, espaços de troca, de descoberta, produção de sentidos, de criação, mas também espaços de memória, de história e de vida, funcionam como um espaço que possibilita e contribui para o desenvolvimento pessoal e social das

pessoas, e neste caso concreto dos idosos (Lopes & Pedrosa, 2018; Rafael & Palma, 2013; Sousa, 2010; Figurelli, 2010).

No caso dos idosos, o museu tem um papel relevante para o seu desenvolvimento, uma vez que é um espaço que permite a realização de conexões e associações a partir das suas próprias experiências, proporcionando, também, o desenvolvimento da memória ao fazer analogias com outras épocas e com outras pessoas (Sousa, 2010). Como o museu é um depósito da memória de um povo, guarda os saberes históricos que deve comunicar aos diversos públicos. Porém, quanto ao público idoso, dá-se a particularidade deste poder ter vivido nesse tempo, pelo que poderá ter sido um ator dessa história contada pelo museu (Sousa, 2010). O museu não é só um espaço de produção de conhecimento, é também uma oportunidade de lazer ou de ócio, onde as atividades desenvolvidas devem servir como uma ponte no tempo e no espaço entre a memória e a experiência do idoso. Deve proporcionar-lhes *“a recriação do tempo livre que estes possuem, desenvolvendo actividades que estimulem as suas capacidades afectivas, sociais e cognitivas promovendo um sentimento de utilidade e realização.”* (Sousa, 2010, p. 9). Os museus também podem proporcionar aos idosos a compreensão da sua cultura e história da qual fizeram parte. *“A relação entre o museu e o idoso é flagrante: ambos são o centro da memória cultural local neste tempo de mobilidade constante, ambos podem ser o ponto de equilíbrio deste mundo em movimento.”* (Sousa, 2010, p. 10).

O museu tem, pois, um papel fundamental no que respeita a uma educação ao longo da vida, podendo o idoso tornar-se num agente do seu próprio desenvolvimento, ao comunicar com a sociedade e ao relacionar-se com outras gerações. Desta maneira, o museu ganha ao aliar a sua ação educativa ao contato com os mais velhos, já que através dele é estimulada no idoso o acesso a uma educação permanente, permitindo que desfrute da cultura, estabeleça as bases para que os conhecimentos sejam partilhados de maneira flexível e enriquecedora e crie atitudes e meios para que goze a vida na sua plenitude (Sousa, 2010).

Verifica-se que a maioria dos museus já são espaços considerados das crianças e dos adolescentes; porém, ainda não se destinam aos idosos. Sabe-se que os idosos percebem os museus de forma diferente dos outros grupos etários e por isso as atividades educativas realizadas nos museus devem de ter em conta as características específicas deste público (Sousa, 2010), devendo-se dialogar com o idoso e inclui-lo no processo educativo, criando assim programas, projetos e atividades com os idosos e não apenas para eles (Loureiro, 2019). Marcelino (2014) e Bernet (1986) afirmam que estas atividades de educação não formal tendo em conta cada idoso torna-os mais ativos, dinâmicos, autónomos, independentes no seu dia a dia, mais criativos. Potenciam a reflexão crítica, o convívio e as relações interpessoais, melhoram a memória e a mobilidade, acabando por contribuir para a desconstrução dos estereótipos da sociedade. As sociedades devem estar cada vez mais preocupadas

com os idosos, uma vez que o modo como uma sociedade trata os seus idosos indica a qualidade que esta pretende oferecer a todos os cidadãos (Capucha, 2014)

É fundamental que o idoso esteja envolvido na sociedade e que recupere o seu lugar nela, sendo capaz de participar nas questões culturais. É neste contexto que o museu atua como um espaço de partilha e de descoberta, mas também um espaço de memória e de vida (Sousa, 2010), podendo fornecer o bem-estar físico, mental e social dos idosos (Lopes, & Pedrosa, 2018). Sabemos também que existem desigualdades sociais no acesso aos museus e á cultura (Neves, 2020) e são os serviços educativos que têm como responsabilidade promover oportunidades educativas para todos (Bernet, 1986).

1.3. A realidade Museológica em Portugal

O setor museológico português no final dos anos noventa do séc. XX afirmava-se como um setor dinâmico, heterogéneo, com grandes dificuldades económicas e com algumas fragilidades como estrangimentos técnicos, falta de qualificação de pessoal e a urgência em conseguir cativar públicos (Gomes da Silva, 2014; Neves, Alves dos Santos & Nunes, 2008). Foi em 2000, com a criação da Rede Portuguesa de Museus (RPM), que esta situação se foi alterando. Esta defendia uma metodologia de natureza aberta e participativa, de maneira a envolver os agentes da museologia num projeto que pretendia contribuir para a qualificação dos museus portugueses e para a melhoria da sua prestação cultural e social (Gomes da Silva, 2014).

Atualmente a Rede Portuguesa de Museus (RPM), integra um total de 161 museus (Património Cultural, s.d), tem cumprido, ao longo dos anos, um importante papel na valorização dos museus portugueses, incentivando a colaboração mútua, difundindo boas práticas, impulsionando a criação de normativos, apoiando a formação profissional e concretizando apoios a projetos relevantes promovidos pelos museus que a integram (Neves, Alves dos Santos & Lima, 2013; Património Cultural, s.d). Para além desta rede (RPM), ao longo dos últimos anos foram-se dados passos para a criação de redes de museus com a colaboração na criação de redes regionais e municipais de museus. Desta forma, ao longo do tempo, os museus portugueses em geral prosseguiram um caminho de sólida qualificação, aumentaram públicos, diversificaram iniciativas, reforçaram a formação técnica e académica dos seus colaboradores, estabeleceram novas parcerias, aprofundaram inventários, estudaram coleções, promoveram a divulgação pública dos seus acervos e alargaram as suas relações com as comunidades que servem (Neves, Alves dos Santos & Lima, 2013). Como afirmam Neves, Alves dos Santos e Lima, (2013) os museus têm crescido uma vez que se tem valorizado a memória e o património artístico e cultural, a requalificação urbana, a relação dos museus com o turismo e a relevância da articulação com o sistema de ensino.

Assim, atualmente a museologia portuguesa caracteriza-se por ser descentralizada, por cobrir todo o país e envolver um conjunto de pessoas e entidades. Com a sua difusão, essencialmente pelo Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), pretende-se que os museus estejam ao serviço das comunidades em que se inserem e das suas perspetivas de desenvolvimento *“Com uma Museologia Social que encoraje a consciência política, o exercício da cidadania, a participação comunitária e o espírito de iniciativa, ao serviço da realização do ser cultural, enfim, do ser humano”* (Antunes, 2015, p. 153).

1.3.1. A realidade Museológica em Lisboa

De acordo com Neves, Alves dos Santos e Lima (2013) apesar de existirem museus em todas as regiões do país, é no norte de Lisboa que estes se encontram mais densamente implantados; sendo que em 2009 os museus localizados no concelho de Lisboa contabilizavam um total de 60 ao passo que no Porto eram 26 (os dois concelhos com mais museus). Os museus apresentam diferentes comportamentos conforme a tutela, o tipo, a região, ano de abertura e ano de criação. Assim sendo, os que têm crescido mais estão sob a tutela da Administração Local, ou seja, no âmbito da esfera pública; de acordo com a tipologia, os mais representados são os Museus de Arte, de Etnografia e de Antropologia e os Mistos e Pluridisciplinares, constatando-se que, em geral, estão abertos durante todo o ano, em horário regular, com encerramento semanal, geralmente à segunda-feira. De acordo com o INE (INE, s.d) em 2020 os museus por tipologia que recebem mais visitantes são os museus de arte e os museus mistos e pluridisciplinares. A nível de visitantes verifica-se um forte crescimento nos museus da Administração Local que a par com os Privados, são os que ultimamente mais contribuem para o aumento de visitantes, cabendo à região de Lisboa a maior percentagem de visitantes.

Os museus com serviço educativo também têm vindo a aumentar. Assim, verifica-se um crescimento de museus com este serviço em quase todas as tutelas, com destaque para a administração local e privados não lucrativos. Considerando o ano de 2009 e a região, os museus localizados na Madeira e em Lisboa são os que possuem percentagens mais elevadas de serviços educativos (Neves, Alves dos Santos & Lima, 2013).

1.3.2. Museus e Serviços Educativos

Atualmente em Portugal são poucos os museus que possuem Serviço Educativo, se comparados com a quantidade de instituições existentes (Figurelli, 2015). Apesar disto, os museus com este serviço têm vindo a aumentar. Os que pertencem à Direção Geral do Património Cultural, no total de quinze,

encontram-se distribuídos um pouco por todo o país (dois no Norte, treze no Centro dos quais onze em Lisboa e nenhum no Sul).¹

Para além destes, e fora da Direção Geral do Património Cultural, existem vinte e um museus situados em Lisboa com este tipo de Serviço Educativo.²

De acordo com Figurelli (2015), a grande maioria dos Serviços Educativos têm na sua atuação o foco assente no público escolar, necessitando de desenvolver um longo trabalho junto de outros públicos. Apesar desta situação se continuar a verificar, através da análise dos *sites* de cada uma das instituições, constatámos que alguns já têm como foco diversos públicos incluindo os idosos, outros também se dedicam aos idosos, porém o foco maior continua a ser as crianças e, outros continuam a trabalhar essencialmente com o público escolar.

Relativamente às ações desenvolvidas pelos serviços estas têm crescido lentamente e gradualmente bem como a estruturação dos setores e do seu trabalho (Figurelli, 2015). Assim, torna-se fundamental ir analisar estas ações, concretamente no âmbito da educação não formal destinada aos idosos, bem como identificar de que forma são desenvolvidas, no intuito de concretizarmos os nossos objetivos.

¹ Museu Nacional Grão Vasco em Viseu, Museu Monográfico de Conimbriga em Condeixa-a-Nova, Museu Nacional Machado de Castro em Coimbra e o Museu Nacional Soares dos Reis no Porto. Localizados em Lisboa estão a Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, o Museu de Arte Popular, o Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, o Museu Nacional da Música, o Museu Nacional de Arqueologia, o Museu Nacional de Arte Antiga, o Museu Nacional do Azulejo, o Museu Nacional dos Coches, o Museu Nacional de Etnologia, o Museu Nacional do Teatro e da Dança e o Museu Nacional do Traje (DGPC, s.d).

² Museu Calouste Gulbenkian (Museu Calouste Gulbenkian, 2021), Museu da Presidência da República (Museu da Presidência República, s.d), Museu Arqueológico do Carmo (Museu Arqueológico do Carmo, s.d), Museu Rafael Bordalo Pinheiro (Museu Rafael Bordalo pinheiro, s.d), Museu de Lisboa (Museu de Lisboa, s.d), Museu Júlio Pomar (Museu Júlio Pomar, s.d), Casa-Museu Medeiros e Almeida (Casa-Museu Medeiros e Almeida, s.d), Pavilhão do Conhecimento – Centro Ciência Viva (Pavilhão do Conhecimento – Centro Ciência Viva, s.d), Central Tejo (Fundação edp, s.d), Museu da Carris (Museu da Carris, 2021), Museu Benfica (Museu Benfica, s.d), Museu da Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva (Museu da Fundação Arpad Szenes, s.d), Museu Coleção Berardo (Museu Coleção Berardo, s.d), Museu do Aljube (Museu do Aljube, s.d), Museu da Marioneta (Museu da Marioneta, s.d), Museu do Fado (Museu do Fado, s.d), MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT, s.d), Museu das Comunicações (Museu das comunicações, s.d), Museu da Água (Museu da Água, s.d), Casa Fernando Pessoa (Casa Fernando Pessoa, s.d) e o Museu Fundação Oriente (Fundação Oriente: Museu do Oriente, s.d).

CAPÍTULO 2

Metodologia

Para dar resposta aos objetivos apresentados na introdução, optámos por uma abordagem qualitativa, caracterizando-se por ser uma

“actividade que localiza o observado no seu mundo. Consiste num conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Estas práticas transformam o mundo num conjunto de representações, incluindo as notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e notas individuais” (Denzin & Lincoln, 2000, p. 3).

Uma primeira fase da recolha de dados assentou na pesquisa documental, através de documentos disponíveis na *internet* e de *sites* dos próprios museus, para perceber que museus tinham serviço educativo e que ações educativas desenvolviam, de maneira a listá-las e compará-las. Feita esta pesquisa constatou-se que todos os museus abordados possuíam Serviço Educativo, como à frente especificaremos. Em relação às atividades muitos *sites* não especificam ou então são vagos na informação, tendo sido acrescentadas estas perguntas aos guiões de entrevista a aplicar posteriormente.

Numa segunda fase, procedeu-se à realização de entrevistas aos responsáveis da área educativa, isto é, Diretores do Serviço Educativo e respetiva equipa técnica para compreender de que forma o fazem. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas utilizando guiões de entrevista, que sofreram alterações e adaptações conforme Bryman (2012) propõe, e conversas informais com os responsáveis da área educativa dos museus. A razão de escolha desta técnica deve-se ao facto de o guião ser menos restrito podendo ser modificado conforme o decorrer da conversa e, ainda, de acordo com Bernard (2006), ser aconselhável para quando não há a possibilidade de entrevistar a pessoa uma segunda vez.

Foram elaborados dois guiões diferentes, um dirigido para os Diretores/as do Serviço Educativo e outro para os Representantes da equipa técnica do Serviço Educativo. Desta forma saliento os autores que contribuíram com os seus guiões para a construção dos meus (Anexo B e Anexo C), Fernandes (2020), Negreiros (2017), Portela de Sá (2016), Coito e Araujo (2016), Ana Pereira (2015), Simões de Sousa (2015), Sequeira (2013), Branquinho (2012), e, Moniz (2011). O guião das entrevistas aborda os seguintes temas:

- Características do Serviço Educativo;
- Caracterização do perfil do público idoso;
- Relação do museu com o público idoso;
- Ações Educativas realizadas ao público idoso;
- Aplicação das atividades;
- Avaliação das atividades e dos programas educativos.

O foco do trabalho de campo assentou em sete museus: o Pavilhão do Conhecimento – Centro Ciência Viva; o Museu Calouste Gulbenkian; o Museu Coleção Berardo, o Museu Nacional do Azulejo, o Museu Nacional dos Coches, o Museu do Oriente – Fundação Oriente, e, o Museu Nacional de Arte Antiga. A seleção destes museus fez-se com base nos seguintes critérios de escolha: o fator de proximidade e de acessibilidade (deslocação), o fato de ser em Lisboa a sua maior concentração, o fato de terem serviço educativo e por fim por desempenharem ações educativas com os idosos.

Os contactos com as entidades começaram em abril, tendo terminado em agosto. Neste período foram estabelecidos contactos por telefone e por email. Porém, uma vez que algumas instituições demoraram na resposta, e devido ao facto de o tempo ser escasso, contactámos outras instituições que não constavam da lista inicial, tal como o Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Museu da Carris, Museu Nacional de Etnologia e Museu de Arte Popular, Museu das Comunicações e por fim Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. É de salientar que neste último conjunto de museus contactados nem todos chegaram a dar resposta. Sendo que, no total realizámos 8 entrevistas.

A realização das entrevistas decorreu ora por formato online, com recurso ao Zoom, ora em formato presencial no próprio museu. Depois de realizadas as entrevistas foram realizadas as respetivas transcrições. A análise de conteúdo foi feita com recurso ao Programa MAXQDA.

CAPÍTULO 3

Análise e discussão dos dados

3.1. Apresentação e Análise dos Dados Obtidos Através das Fontes Documentais

A análise documental realizada a partir dos *sites* de cada uma das instituições, bem como da DGPC, contribuíram para conhecer geograficamente onde os museus estavam mais concentrados, identificar aqueles que possuíam serviço educativo e saber se desempenhavam ações educativas com os idosos.

Assim, como já foi referido, todos os museus abordados localizam-se em Lisboa, têm Serviço Educativo e promovem ações educativas para os idosos. Constatou-se que não existem grandes diferenças entre estas ações educativas, que consistem essencialmente em visitas guiadas/comentadas e em visitas temáticas. Para além disto, algumas entidades também desenvolvem atividades práticas como ateliês e *workshops* (ver anexo A).

3.2 Apresentação e Análise dos Dados Obtidos através das entrevistas

3.2.1 Descrição dos entrevistados

Foram realizadas oito entrevistas a Diretores/as responsáveis pelo Serviço Educativo e a representantes da equipa técnica que operacionalizam as ações dos Serviços Educativos, tendo sido efetuadas em sete instituições diferentes. O Quadro 3.1 descreve as entrevistas realizadas.

Quadro 3.1: Caracterização das entrevistas realizadas

Entidade	Nome do Museu	Serviço	Posição na instituição	Tipo de instituição	Temáticas	Tempo de Existência do Serviço Educativo	Tutela
E1	Museu Coleção Berardo	Serviço Educativo	Coordenação da equipa e responsável pela programação	Museu de Arte Moderna e Contemporânea	Arte Moderna e Contemporânea	14 anos	Estado
E2	Museu Fundação Oriente	Serviço Educativo	Representante da equipa Técnica do Serviço Educativo	Museu multicultural	Oriente, Alimentação, yoga, tessei, tai chi, meditação, filosofia Oriental	13 anos	Privado
E3	Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado	Serviço Educativo	Coordenadora do Serviço Pedagógico e educativo do Serviço Educativo	Museu de Arte Contemporânea	Pintura, desenho, escultura, fotografia, vídeo e instalação.	27 anos	Estado
E4	Museu Nacional de Etnologia	Serviço Educativo	Técnica Superior do Serviço Educativo	Museu Etnográfico e Antropológico	Colonialismo, Coleções Africanas, Vida Rural, Emigração dos anos 59/60, Estado Novo, Folclore, Expansão	Desde que o museu foi fundado.	Estado
E5	Museu de Arte Popular	Serviço Educativo	Técnica Superior do Serviço Educativo	Museu Etnográfico e Antropológico	Colonialismo, Coleções Africanas, Vida Rural, Emigração dos anos 59/60, Estado Novo, Folclore, Expansão	Não foi feita a pergunta	Estado
E6	Museu Nacional dos Coches	Serviço Educativo	Coordenadora do Serviço Educativo	Museu de História	Visitas temáticas	35 anos	Estado
E7	Pavilhão do Conhecimento-Centro Ciência Viva	Serviço Educativo	Representante da equipa Técnica do Serviço Educativo	Museu de Ciência	Ciências e Tecnologia	Não foi feita a pergunta	Estado

Constata-se que existe diversidade de temáticas, que vão desde a arte, as ciências e tecnologias, a história e a cultura oriental. Esta diversidade também está presente ao nível da existência do serviço educativo, independentemente da idade do museu, existem aqueles que têm Serviço Educativo pelo menos com 10 anos de existência e aqueles com mais de 20 anos. Ao nível da tutela, os museus são essencialmente estatais (públicos), existindo apenas um museu privado (particular).

3.2.2 Características dos Serviços Educativos

Tempo de existência e Missão do Serviço Educativo

Os Serviços Educativos que responderam à questão do tempo de existência, existem há mais de 10 anos, sendo a E6 a mais antiga, seguindo-se a E3, a E1 e por fim a E2 (Quadro 1).

Quanto às suas missões estas são bastante semelhantes, sendo a mais referida a social e a educativa. A social é assim ilustrada nos seguintes exemplos:

“A nossa missão é para com o público, é para com as pessoas, é aí exatamente nessa vertente que eu trabalho, é uma missão que eu tenho, (...) trabalhar para as pessoas, com afinco e com empenho (...).” (E3);

“A missão (...) é ser inclusivo, e a inclusão passa também por podermos permitir a determinadas instituições ou grupos de pessoas que não tem meios e não devem por isso ser afastados ou prejudicados nas suas aprendizagens, (...) o museu não sirva só para vir ver as obras de arte mas que seja sobretudo um espaço de reflexão e de pensamento e sobretudo que ele seja criativo não é, ah, (...) não ficarmos só por aquilo que vemos mas por aquilo (...) que nos pode fazer pensar, acho que essa é a principal missão do museu.” (E1);

“(...) Se sintam capazes, que tenham as ferramentas ideias para se sentirem capazes, para ensinarem ciência (...).” (E7).

Pretendem, também, contribuir e promover o respeito entre as diferentes comunidades e tradições culturais, encontrando estratégias de compreensão e aceitação da diferença, levando à integração social, tal como no seguinte exemplo:

“Tentamos encontrar novas estratégias de compreensão, aceitação, integração social e queremos com as nossas atividades e com a nossa programação refletir sobre os olhares e sobre as interações entre a cultura ocidental e (...) oriental ... de modo a contribuir, contribuir também para a aceitação da diferença e para a compreensão da diferença.” (E2).

Os Serviços Educativos agem como agentes de desenvolvimento que possibilitam e contribuem para a promoção de competências. Isto significa que contribuem para que os públicos obtenham novos conhecimentos. Assim, a missão educativa é ilustrada das seguintes formas:

“Criar recursos, atividades para aumentar a literacia científica de facto da população em geral (...).” (E7);

“Darmos o nosso conhecimento sobre uma coleção e sobre aquilo que é constituído um museu e isso sendo essa a nossa missão, não estamos aqui para ganhar dinheiro com isso.” (E1).

Além destes dois tipos de missões foi identificada a missão de promoção do património, onde se pretende consciencializar e divulgar o mesmo; além disto pretendem também desenvolver mecanismos que permitam refletir sobre a coleção:

“Acima de tudo tentamos consciencializar para o património, não é? Dando a conhecer a coleção.” (E2);

“A missão é divulgar a coleção, (...), nós serviço educativo a nossa missão é divulgação, portanto que a coleção seja conhecida por mais público possível nacional e estrangeiro.” (E6);

“Apostar muito no pensamento crítico e desenvolver atividades que facilitem e que proporcionem uma reflexão sobre [a coleção do museu] (...).” (E1).

Temos, assim, dois tipos de preocupações, uma preocupação assente fundamentalmente nas pessoas e na sua capacitação e uma preocupação assente essencialmente na coleção e no objeto.

Finalidades e Objetivos

Todos os museus assumem que para eles as finalidades são iguais aos objetivos. Estes assentam fundamentalmente nas pessoas, em capacitá-las de competências e de conhecimentos para que consigam entender assuntos que não dominavam e de aceitação do diferente, como por exemplo:

“A finalidade é dar, proporcionar às pessoas o que é delas, dotá-las de consciência e de capacidades de reflexão perante a obra de arte ou a produção artística. [...] dotam-se as pessoas de competências próprias, de conhecimento e capacidades de interpretação (...).” (E3).

Foca-se, também, na promoção do ensino experimental:

“O nosso objetivo especial é de fato promover o ensino experimental nas ciências, queremos que os alunos, que os professores se sintam capazes, que tenham as ferramentas ideias para se sentirem capazes, para ensinarem ciência de uma forma experimental, a ciência só se aprende fazendo, (...) obviamente que toda esta oferta educativa, depois queremos transpô-la também para o público não escolar, portanto para a própria comunidade, quer seja com atividades de fim de semana, quer sejam com atividades para o público sénior, visitas, encontros com o cientista que promovemos, (...).” (E7).

Porém, também é referido pelo E6, que a finalidade e o objetivo passam pelo bem-estar, por fazer com que o visitante tenha uma boa experiência, onde sejam criadas relações de partilha e que com isso chamem mais pessoas ao museu:

“Finalidades e objetivo é mais ou menos a mesma coisa que já disse há pouco, é que todo o visitante tenha uma experiência e que essa experiência seja gratificante e que passe a outros.” (E6).

Papel dos Serviços Educativos

Os Serviços Educativos desempenham vários papéis. Assumem, por exemplo, um papel de criadores de relações de proximidade com os seus públicos.

“Dos grupos com quem se desenvolvem Projetos Continuados, e como já lhe disse podem ter cinco, 12, ou mais anos de relação continuada com o museu. Como já aqui deixei bem expresso, os caminhos exploratórios que a pintura, melhor dizendo, que o acervo propõe, têm como característica principal o desenvolvimento de continuação com o museu, criando vínculo e laços entre pessoas e acervos. E eu, pegando no que estava a explicar, encontro sempre algum pretexto para lhes bater à porta, tipo surpresa, levo a reprodução de uma pintura, um poema, uma notícia de jornal (...). É muito importante manter a relação, falar e falar, manter acesa a chama da comunicação e o foco na obra de arte e no espaço museu de que tanto gostam. Tudo isto porque acredito no indivíduo, no idoso, na construção de relações/projetos e no poder transformador que a linguagem artística promove.” (E3);

“Esta relação institucional acaba depois por se diluir e por criarem-se aqui outras relações [de partilha].” (E7).

Funcionam também como guias/mediadores entre a coleção e o público que o visita.

“Somos o elo de ligação entre as coleções e os públicos.” (E4);

“O serviço educativo é uma ponte, é uma ponte entre o que se faz ou o que se pretende fazer ou a mensagem que se pretende transmitir e o outro lado, o público (...).” (E7);

“O serviço educativo surge aqui como um mediador entre a coleção e entre o público [...] E tentamos, também, equacionar com o contexto deles, não é? com a realidade deles e fazer essa ponte entre o que é do seu contexto e as peças que nós temos aqui, e dos temas que abordamos.” (E2);

“(...) Como é que nós podemos estabelecer aqui relações com o seu universo, com o seu conhecimento e tentarmos criar aqui pontes com aquilo que as obras nos podem transmitir e, portanto, isso é que é muito importante.” (E1);

“Fazer a mediação da coleção e das obras com os públicos é indispensável (...).” (E3).

Outro papel desempenhado é o da promoção do património.

“Que a coleção seja conhecida por mais público possível nacional e estrangeiro.” (E6).

Os serviços pretendem ser inclusivos e integradores de todas as pessoas, para que ninguém seja excluído do museu.

“A missão para além daquilo que falámos, é ser inclusivo, e a inclusão passa também por podermos permitir a determinadas instituições ou grupos de pessoas que não têm meios

e não devem por isso ser afastados ou prejudicados nas suas aprendizagens, e, portanto, obviamente não podemos ir a todos, mas tentar, pronto, fazer alguma coisa (...).” (E1);

“O museu, por excelência, é uma entidade educativa, há, portanto, que o aproximar da realidade das pessoas e fazê-lo chegar a todos. Como? Com programações que vão ao encontro das pessoas e de cada grupo. A sociedade é plural, diversificada e sendo este um museu do estado, todos têm o direito de aceder ao museu, desfrutarem dos acervos e principalmente de usufruírem das aprendizagens.” (E3).

Os serviços desempenham um papel de divulgadores de novos conhecimentos e saberes que resultam no desenvolvimento de competências sociais e pessoais, tal como é ilustrado a seguir.

“(...) Construindo diálogos e mediando a relação público versus obra dotam-se as pessoas de competências próprias, de conhecimento e capacidades de interpretação que ora se desenvolvem com grandes, pequenos, (falo de pessoas, bem entendido), com vulneráveis, (incapacidades físicas, mentais ou sociais, cegos por exemplo...), ou seja, para todos quantos queiram conhecer melhor as ‘obras de arte’.” (E3);

“É uma atualização de conhecimentos, é um contato com o mundo que os rodeia e com os principais desenvolvimentos (...) colocamo-los de fato em contato com temáticas da atualidade fazendo sempre uma contextualização dos principais desenvolvimentos que ocorreram nos últimos tempos, seja mais em termos da área da engenharia, da saúde, seja nas visitas ou nas atividades, eles acabam por estar sempre confrontados com o state of the art, portanto, o que é que se sabe hoje e como é que isto evoluiu.” (E7).

Verifica-se que estas competências variam de acordo com o tipo de instituição. Por exemplo, no caso das E1 e E2, é mencionado o estímulo da criatividade e do sentido de reflexão:

“Que o museu (...) seja sobretudo um espaço de reflexão e de pensamento e sobretudo que ele seja criativo, não é? Ah, contextualização de não ficarmos só por aquilo que vemos, mas por aquilo, aquilo que vemos, o que nos pode fazer pensar (...).” (E1);

“(...) Dotá-las de consciência e de capacidades de reflexão perante a obra de arte ou a produção artística. (...) o público não especialista, que na verdade é a grande maioria, acha que não percebe a arte, principalmente a arte contemporânea e não figurativa. Mas garanto-lhe que todos percebem, com tempo, com capacidade de ver e de analisar, levantando véus sobre a obra, construindo diálogos.” (E3).

Outro aspeto referido é o estímulo da literacia científica e, com esta, o desenvolvimento do espírito crítico por parte dos visitantes.

“Contribuir para a literacia científica de toda a população, vamos contribuir, contribuir para passar informação fidedigna, informação atualizada, desmistificar algumas ideias erradas que possam existir, alguns mitos que possam existir [...] ao estarmos a contribuir para a sua literacia científica obviamente que eles se sentem muito mais empoderados de saber discernir quando veem algum tipo de informação na televisão, ou veem nos jornais, onde é que devem de procurar informação.” (E7).

As instituições contribuem, assim, para que ocorra um envelhecimento ativo, uma vez que capacitam os seus públicos para estarem mais conscientes, informados e incluídos.

“(...) Mantendo os cidadãos autónomos, ativos, com capacidades de tomarem decisões, conscientes e informadas e promover a sua inclusão (...).” (E7);

“A educação (...) é para ir dotando de capacidades os indivíduos para mais tarde eles, lá está durante a vida, poderem usar das suas competências e terem hábitos de reflexão (...).” (E3);

“Nós tentamos que, de facto, o museu contribua para o crescimento e sentimento de pertença a essa comunidade (...).” (E2).

É-nos revelado também o fato de desempenharem um papel de partilha em que sejam valorizados os conhecimentos de quem os visita, em concreto os idosos:

“Ser plataforma de partilha, portanto, que eles percebam que o saber que têm é valorizado.” (E7).

Possibilitam ainda a partilha intergeracional.

“(...) Programação que também temos que é intergeracional são programas para avós e netos [...] fazer com que esses diferentes públicos [de várias faixas etárias] aprendam uns com os outros (...).” (E7);

“Podemos ter atividades em que as próprias (...) faixas etárias convivem (...) é importante que haja este convívio, esta troca de experiências entre diferentes faixas etárias.” (E2).

E por fim a partilha multicultural, tal como é ilustrado no seguinte exemplo:

“(...) Local de encontro (...) não só com as culturas orientais, as diversas culturas orientais, mas também consigo próprio (...).” (E2).

Equipa Técnica

A equipa técnica é fundamental para que sejam estabelecidas relações entre museu e público e sejam desempenhadas ações educativas. No geral, as equipas técnicas caracterizam-se por possuírem alguns elementos fixos, em número muito diminuto, complementadas por elementos exteriores que são chamados quando necessário. Esse número pode ser apenas de um elemento fixo, como a E1, E3, E4 e E5, ilustrado no seguinte exemplo:

“Eu sou sozinha e depois vou buscar pessoas consoante as minhas necessidades (...).” (E4).

Outras entidades incluem duas ou três pessoas permanentes, e por vezes um técnico especificamente responsável pelas visitas aos seniores, tal como a E6. No museu com a equipa mais alargada, esta é composta por 13 elementos.

3.2.3 Relação do Museu com o público idoso

Criação de relações

Para que sejam estabelecidas e criadas relações com os públicos tem que existir uma boa comunicação, que resulta na forma como a informação é passada. Esta deve atender às necessidades concretas do público idoso e proporcionar condições de bem-estar, tal como podemos constatar nas afirmações seguintes.

“Têm interesse no que a E7 organiza porque sabe que a informação está tratada de maneira a que seja perceptível, portanto está traduzida, sabem que nós não vamos fazer aqueles discursos, aqueles jargões científicos que ninguém entende, sabe que mesmo quando as atividades que são dinamizadas não por nós mas por cientistas que convidamos, sabem que também há uma grande preocupação na seleção desse interlocutor, desse cientista, que sabe comunicar para um público leigo na matéria, (...) nós tentamos, de facto, garantir a comunicação (...).” (E7);

“É ter em atenção à especificidade do grupo, basicamente, é... mas quem faz a visita tem a noção do grupo e das características do grupo que temos.” (E6);

“Falo sempre, direciono a minha fala essencialmente para crianças e para os mais velhos são eles que não podem ficar de fora em momento algum, ou seja têm que compreender perfeitamente o que estamos a fazer e o que estamos a dizer (...).” (E4 e E5).

Relativamente às atividades oferecidas pelo museu, de uma maneira geral, todas as entidades referem que estas vão ao encontro dos interesses dos idosos, levando-os a quererem voltar ao museu.

“É mais esse interesse que depois vem da visita para voltar e para fazer outras coisas, nós vemos também por aí o feedback positivo.” (E2);

“Os nossos seniores (...) manifestaram interesse e começaram a participar nos programas de voluntariado e de alguma forma acaba por contribuir e por sugerir que atividades ou o que fazer (...). [...] atividades só para público sénior, portanto, com temáticas identificadas, que vão do interesse de fato deste segmento de público (...).” (E7);

“Portanto, temos uma relação ótima em termos de expectativa de visita que quando saem o feedback que nós temos é extremamente positivo.” (E6).

São estas atividades que para a maioria dos entrevistados permitem a ocorrência de certos estímulos como a capacidade de recordar momentos passados:

“Adoram ir lá, adoram, porque são memórias que têm, como aqui, o que gostam mesmo é de ir às Reservas da Vida Rural, portanto são memórias que lhes estão ainda presentes, portanto têm um grande prazer.” (E4 e E5);

“Bom, eles ficam sempre maravilhados, recordam sempre a sua infância (...).” (E6);

“Muito público que vem aqui e falando no caso dos seniores, vêm ao museu revivendo memórias porque esteve no oriente, portanto o reviver memórias é importante (...).” (E2);

“O reavivar aqui das memórias e da partilha.” (E7).

A E3 menciona especificamente que, para além da capacidade de memória, também são despoletados sentimentos:

“A contemplação e o silêncio ativam mecanismos de memória e de emoção.” (E3).

Desta forma, a maneira como o museu, através dos Serviços Educativos, se relaciona, fala, age e se comporta com o público vai determinar a relação entre museu e idoso. O fato dos idosos voltarem ao museu reflete precisamente esta relação, uma vez que caso se sintam bem, tenham tido uma boa experiência, terem sido bem-recebidos e acolhidos, caso tenham gostado, querem repetir a ida ao museu e divulgam-na aos seus pares e afins:

“Eles têm vontade de voltar porque eles sabem que aqui vão ser bem tratados.” (E4 e E5).

Para além disto, esta relação também é refletida no fato de quererem continuar ou melhorá-la futuramente com os idosos. Neste aspeto, todos os museus pretendem melhorar e continuar a trabalhar com este público alvo, nomeadamente retomando os contactos com as Universidades Seniores e Juntas de Freguesia (parados devido à situação pandémica). Assim, futuramente, pretendem iniciar novos projetos locais junto das Juntas de Freguesia, para começarem a levar o museu às pessoas dos lares que não se podem deslocar; voltar a ter os idosos no museu (visto que houve uma quebra deste público devido à pandemia), fazer novas programações e investir nos tais projetos continuados; dar continuidade ao que já fazem, recuperar o programa de voluntariado e que os idosos participem na organização de *workshops* temáticos; e, promover e ampliar a programação para esta faixa etária.

Constatou-se que há uma relação de aprendizagens mútuas, de troca de conhecimentos e informações, onde o museu através do Serviço Educativo ensina, mas o idoso também pode ensinar e dar o seu contributo. Quem está em contato com este público aprende. Este possibilita e ajuda a desconstruir informações dadas como certas, tal como partilha curiosidades que os monitores desconhecem por não terem vivido a época. Os entrevistados consideram que os mais velhos são pessoas capazes, como qualquer faixa etária mais jovem, e que gostam de interagir. Salientam que a idade é uma construção social, que todos, independentemente da idade, possuem riqueza individual, que conseguem fazer reflexões de grande pertinência e atualidade. Interpretam a realidade de outra forma de acordo com a sua experiência e são pessoas que querem continuar a aprender e a serem ativos. Percebemos que é unânime, em todos os museus, que os idosos contribuem para o museu.

O contributo dos idosos passa pelo seu ponto de vista diferente, pelo seu olhar e pela forma como estabelece relações com o objeto, como vivência o museu, com a sua experiência de vida, as suas

vivências e sabedorias, o seu *feedback*, tendo outras informações valiosas e que ajudam a melhorar as formas de atuação perante esta faixa etária, permitindo inclusão, levando à existência de trocas entre eles e o monitor.

Salientamos, ainda, que a relação estabelecida se divide em duas, numa relação mais no momento, esporádica, e numa relação prolongada no tempo através dos denominados projetos continuados, ou de voluntariado, sendo construída ao longo do tempo, caracterizando-se por uma relação de proximidade grande, bem como por uma relação de acolhimento e de compreensão.

Necessidades identificadas dos idosos

Colocada a questão sobre quais eram as principais necessidades deste grupo, estas passam, na opinião dos entrevistados, essencialmente por questões de afetividade e empatia tais como carinho, atenção, respeito, dignidade, acolhimento, construção de relações de forma a atenuarem a sua solidão. Assim, constata-se que as necessidades deste público não são tanto as aprendizagens em si, mas o fato de precisarem de se relacionar socialmente, de terem contato com outras pessoas.

Isto também nos diz que o museu deve de ser um lugar de diálogo, um lugar que acolha todos e que os façam sentir bem. Tal como afirma E2:

“O museu pode ser um espaço ótimo para a convivência.”

Desta forma, as práticas educativas têm que ser dinâmicas e interativas de forma a dar resposta a estas necessidades e, assim, conseguir que o idoso se sinta bem e volte ao museu.

Também é referida a necessidade de existirem espaços onde possam assumir o papel principal e serem ouvidos, sintam que podem partilhar e participar abertamente sem julgamentos. Para além disto, a E3 refere ainda a questão do *“(…) alimento intelectual (…)”* em que se dê conteúdo às suas vidas, fornecendo-lhes estímulos, contribuindo assim, para uma sociedade saudável e feliz.

Outra entidade salienta que as necessidades passam pelo fato de precisarem de se sentirem parte de uma comunidade e de reviverem memórias. Este reviver de memórias é referido em quase todos os museus.

Por fim, destacam que as atividades devem ir ao encontro das vivências do público idoso, dos seus contextos e realidades. Mostram interesse em saber se os idosos estão interessados nos assuntos abordados, se querem experimentar determinadas técnicas e de acordo com os seus perfis adequar o que pode ou não ser feito (por exemplo se têm mais destreza motora ou não).

3.2.4 Caracterização do perfil do público idoso

Sobre o tópico ‘Caracterização do perfil do público idoso’, mostrou-se difícil todos os museus saberem números concretos sobre quem visita o museu. Apenas E2 e E6 é que nos revelam números gerais em

contextos pré-pandemia: E2 teve 76 mil visitantes por ano e E6 teve 350 mil visitantes. Revela-se ainda mais complicado saber os números específicos dos idosos que visitam o museu, uma vez que só sabem esses números através da bilheteira e também ao fato do atual estado pandémico. As mesmas instituições revelaram que houve algumas quebras destes visitantes no geral, uma vez que a maioria da população foi remetida para casa e estando muitas das instituições seniores fechadas ou sem ser-lhe possível fazer e ter visitas.

Em termos de frequência de procura e respetivos contextos são sobretudo grupos de pessoas organizadas que procuram os museus, ou seja, existe uma entidade organizadora que faz a marcação para o grupo todo e fornece o transporte. Grande parte dos museus destaca as Universidades Sénior, seguindo-se Centros de Dia, Juntas de Freguesia, através da Camara de Lisboa e outras, grupos integrados ao abrigo de protocolos, Lares, Associações e Grupos Culturais, bem como Grupos continuados que os museus têm. Existe também procura por parte daqueles que vêm livremente/espontaneamente que acedem ao museu de várias formas ou de transportes públicos, ou transporte pessoal.

Porém, também existem idosos que se inscrevem autonomamente, indo sozinhos sem acompanhamento ao museu. Isto acontece sobretudo nas iniciativas fora de portas que a E7 disponibiliza:

“Nós temos iniciativas fora de portas, portanto que implica deslocarem-se para locais mais, até fora de Lisboa, (...) foram eles que se inscrevem, que se inscrevem por e-mail, (...) estamos obviamente a falar com pessoas que têm mais de 60 anos, não é? (...) normalmente são eles próprios a fazerem as inscrições e a irem sozinhos; é também residual a participação em casal ou dois amigos que vão juntos, é residual, normalmente inscrevem-se e vão sozinhos.” (E7).

Acrescentando ainda que são pessoas bastante autónomas, ativas e interessadas.

Apesar de tudo, a procura maior dá-se através das Universidades Seniores, uma vez que são instituições onde os idosos são pessoas mais autónomas, capazes, interessados, com vontade e ativas.

O dia de semana preferido pelos idosos é sobretudo o fim de semana, talvez por ser o dia em que estão mais livres, que podem ter tempo para si e pela disponibilidade dos grupos organizados. Os que vêm livremente, às vezes também podem vir em família. As Juntas de Freguesia funcionam mais no verão, concretamente nos meses de junho, julho, agosto e setembro. As Universidades Seniores funcionam durante o período letivo de aulas escolares, enquanto os outros grupos organizados como os Lares, depende muito da entidade que marca.

Aqui realço, ainda, o fato de alguns estarem incluídos em grupos ou projetos continuados que algumas instituições como a E3 e E1 desenvolvem. Para esta última, estes projetos são desenvolvidos semanal ou mensalmente em que ora é o museu que vai ter com o público, ora é o público a ir ao museu. Isto revela-nos que a escolha dos dias é feita num consenso entre museu e organização sénior.

Em relação ao seu perfil face ao género, às qualificações, idades e locais de residência alguns museus baseiam-se nas suas próprias constatações, sendo difícil detalhar pormenores. Apenas uma entidade refere o fator género, dizendo que a participação é maioritariamente masculina, principalmente no que toca à iniciativa fora de portas em que se inscrevem individualmente, razão que justifica ser do seguinte fato:

“(...) Das avós ainda estão muito ligadas a prestarem algum tipo de apoio aos netos ou à família, ou até por causa das temáticas, como são assim mais da área das ciências e da tecnologia que acabavam por interessar mais os homens, porque lembro-me perfeitamente quando visitávamos alguns espaços, muitos deles diziam ‘ah porque na minha infância trabalhei aqui’, ‘ou ah porque a minha área de formação é esta’, havia ali uma ligação emocional que os fez ir à visita.” (E7).

Em relação às suas qualificações, todas as entidades revelam que estas variam muito, dependendo da organização e do meio em que se inserem (rural ou urbano) tal como é ilustrado nos seguintes excertos:

“Os grupos de Universidades, os grupos de Associações Culturais obviamente são pessoas com alguma qualificação, muitas vezes são pessoas até reformadas, (...) depois os Centros de Dia (...) são pessoas muito simples, muitíssimo simples.” (E3);

“Porque, por exemplo, nós chegamos a ter visitas organizadas, Juntas de Freguesia de todo o país, lembro-me por exemplo, há um que é recorrente que vêm do Alentejo, portanto, e são pessoas que tem níveis de escolaridade mais baixa e a motricidade fina também não está tão trabalhada.” (E6).

Outra entidade refere que quem vem através das Juntas de Freguesia são pessoas com habilitações literárias baixas-médias, quem vem através das Universidades são mais heterogéneos, podendo haver quem tem elevadas qualificações e quem não as tem. O público que vem via Câmara de Lisboa também varia, mas talvez seja o que possui qualificações mais médias e altas. Outras revelam, ainda, que quem participa mais nas atividades são precisamente aqueles que possuem habilitações mais baixas.

Sobre as suas idades, estas variam entre os 60 e os 70 anos. Algumas entidades revelam que quem se inscreve autonomamente nas iniciativas fora de portas são pessoas com mais de 60 anos.

Para terminar, face ao local de residência dos visitantes, todos os museus são unânimes em dizerem que é essencialmente da área de Lisboa; para além disso também chegam a vir pessoas de outras áreas de residência, podendo vir de todo o país através de Protocolos ou até de Juntas.

Entende-se, assim, que a regularidade por parte deste público nos museus depende de vários fatores, nomeadamente se chegam através de instituições (grupos organizados como Associações, Universidades Sénior, etc.), ou se chegam de forma livre e espontânea, do interesse dos idosos (se têm afinidade com as temáticas e áreas abordadas), da sua própria disponibilidade ou disponibilidade da instituição em que se inserem. Por fim, depende também do próprio museu, isto é que tipo de relação tem com este público, o tipo de atividades, a forma como lhes são transmitidos conhecimentos, se fazem um trabalho ao longo da vida. Mas também, como os cativam, se têm contactos com as

instituições em que os idosos se inserem e se têm protocolos com alguma delas, se os fazem sentir acolhidos e bem-vindos, se permitem que o idoso se expresse e possa debater os assuntos.

3.2.5. Estratégias de implementação das atividades

Para implementarem as ações educativas todos os museus têm em conta a diversidade dos idosos, adequando as suas propostas conforme as características específicas desta faixa etária. Assim cada museu refere um conjunto de fatores que têm em conta para adequação das atividades, tal como se pode verificar no quadro seguinte:

Quadro 3.2: Fatores tidos em conta para a adequação da implementação das atividades

<i>Entidade</i>	<i>Fatores (referidos) a ter em conta:</i>
<i>E1</i>	Duração da visita - não fazem visitas muito longas; têm em conta problemas de locomoção; possuem bancos para se sentarem; tipo de percurso adequado à especificidade do grupo, tentam que não seja cansativo; adequação da fala de maneira a conseguirem criar relações que permitem o conhecimento das coisas; linguagem simples; referir referências que façam parte do seu universo (situações vivenciadas), pô-los à vontade.
<i>E2</i>	Adaptação da Linguagem, o tipo de percurso, o que as motiva.
<i>E3</i>	Bem-estar (cuidado com correntes de ar, fornecer um tempo e espaço para lancharem, fazer intervalos); acessibilidade dos museus (fornecem cadeiras de rodas, bancos); ouvi-los; ambiente (deve de ser descontraído e solto); adaptação da linguagem; os interesses e ritmos.
<i>E4</i>	Adaptação da Linguagem (acessível); duração das visitas (menos longas para não se cansarem), distribuição do programa ao longo do dia; fazer pausas para almoçarem e dar tempo para existência de conversa.
<i>E5</i>	Adaptação da Linguagem (acessível); duração das visitas (menos longas para não se cansarem), distribuição do programa ao longo do dia; fazer pausas para almoçarem e dar tempo para existência de conversa.
<i>E6</i>	As suas limitações (vêm em cadeiras de rodas ou têm uma locomoção limitada) e acessibilidades do museu (fornecer cadeira de rodas caso necessário).
<i>E7</i>	Formas de comunicação (linguagem usada); duração da visita e as condições em que a visita decorre; tipo de percurso (mais longo ou não) e se com isso têm que estar muito tempo em pé; o tipo de pavimento (se é escorregadio, inclinado ou em altura); questões de deslocação; possibilidade de descansarem e sentarem-se; garantia de instalações sanitárias perto; acessibilidades do museu – elevador, rampas, formas de comunicação do museu; existência de material de apoio visual (com mais imagens ou se for com texto que tenha letras grandes). Para as experiências fora de portas: ter em conta os meses do ano favoráveis e desfavoráveis (evitam os meses de Natal e Ano Novo e os meses de inverno por serem meses para estar em família e devido á maior ocorrência de gripes e constipações, é uma altura em que os idosos têm mais problemas de saúde) e evitam o Mês de agosto (por ser um período de férias e de estar em família).

As estratégias e métodos adotados passam essencialmente por estratégias participativas, ou seja, ações mais práticas e interativas, onde os idosos intervêm e experimentam fazer. Para além disto, permitem que as atividades vão mais ao encontro dos interesses dos idosos. Verifica-se também que existem diferenças nos métodos utilizados, tal como se verifica no quadro seguinte:

Quadro 3.3: Estratégias e Métodos adotados

Entidade	Estratégia	Método
E1	Não usar guiões, ir adaptando	Não referido
E2	Adaptar e gerir, criar espaços para a participação, reflexão e debate de ideias e críticas	Fazer perguntas e lançar curiosidades
E3	Participativa	Método da comparação – observação da obra e treinarem o olhar
E4	Participativa	Não referido
E5	Participativa	Não referido
E6	Adaptação	Não referido
E7	Estratégias mais participativas	Método do questionamento - primeiro fazem com que o idoso reflita sobre a temática ou sobre o espaço, depois visitam o espaço para eles apresentarem as suas teorias e hipóteses, e por fim experimentam; utilizam muito a experimentação, tentativa e erro

As estratégias passam muito por conhecerem os interesses e conhecimento dos idosos e conseguirem gerir e adaptarem conforme os públicos que têm à frente:

“Portanto, não há uma receita. (...) as especificidades de cada grupo determinam a forma como nós nos devemos relacionar com eles e quais as metodologias, quais serão as melhores metodologias para podermos trabalhar com eles.” (E1).

Em relação aos métodos que foram referidos da E7 e da E3 realço ainda os seguintes:

“Tentamos que haja sempre duas coisas, primeiro uma curiosidade, uma curiosidade que fique de ‘fogo, a sério!’, e que a pessoa sinta necessidade de, eu quero partilhar isto com mais pessoas, e aquele momento uau, aquele momento de surpresa, aquele momento de... e de relacionar com algo do dia a dia, algo que seja entendível, seja compreensível, portanto para que a informação possa passar, (...) queremos que a pessoa saiba explicar pelas suas próprias palavras o que é que viu, e se for algo que o fascinou, que o surpreendeu e que achou coisas tão interessantes, coisas tão simples.” (E7);

“À partida e para começar não, nada impor, não impor qualquer obra, ou qualquer discurso, estar totalmente disponível e aberta ao seu ritmo, à direção do seu olhar, a escutá-los. A comunicação e a interação não deve ser imposta pelo museu, tem que partir deles, deve fluir sem preconceitos e dogmas do certo e do errado. O importante, num primeiro momento, é criar uma atmosfera descontraída e solta, vaguearem o sentimento por todo aquele aparato de cenário novo, bonito, estranho ou até adverso. Dar tempo de adaptação, respeitar a individualidade de cada um, dar espaço e dar tempo às pessoas, é necessário ouvir e ver e sentir, porque a pintura é mesmo isso, um jogo, uma experiência do ver, do ouvir e do sentir. A contemplação e o silêncio ativam mecanismos de memória e de emoção. É assim que o processo acontece, depois é continuar. A construção do projeto é determinada por todos, cada um tem consciência da importância da sua participação.” [...] “A metodologia é perceber os seus interesses, as suas vontades e as suas capacidades e desta forma corresponder da melhor maneira. Vão fazendo e comparam. Empatia. Educar o olhar, o observar das coisas.” (E3).

Verificamos, assim, métodos resultantes de uma educação não formal que partem dos idosos, dos seus conhecimentos, interesses e necessidades, seguindo os seus ritmos, onde estes têm espaços de participação, de reflexão, de partilha, de debate e de interação uns com os outros.

Isto permite que os idosos estejam mais atentos, curiosos, interessados e trabalhem as suas capacidades físicas e cognitivas, o que contribui para o seu envelhecimento ativo. Assim, o que foi constatado vai ao encontro do que defende Loureiro (2019) quando afirma que esta educação faz com que os idosos participem ativamente, possibilita a redução de declínios prematuros físicos e cognitivos e contribui para a sua socialização.

3.2.6. Atividades realizadas destinadas ao público idoso

As atividades fornecidas pelo Serviço Educativo vão desde atividades específicas para os idosos, a atividades para o público em geral, destinadas a todos. Para além disto, alguns museus inserem os idosos no grupo adulto, ou no grupo famílias.

Em termos de duração e máximo de participantes é comum em todos os museus ajustá-las às atividades na medida em que estas variam. Também em termos da forma de marcação esta é comum a todos, tal como pode ser verificado no quadro seguinte:

Quadro 3.4: Caracterização das atividades realizadas em cada instituição

Entidade	Tipo de atividades	Atividade realizadas	Duração das Atividades	Máximo de Participantes	Marcação
E1	Específicas e incluem-nos noutras atividades destinadas aos adultos	Visitas orientadas, projetos continuados, cursos, convívios e atividade continua	Varia - depende da gestão do espaço, não tendo sido referido nenhum número concreto. A duração das mesmas se for da exposição de coleção em geral é uma hora e meia, podendo ser menos.	Varia	Para visitas orientadas e atividades é por marcação por telefone ou e-mail, Para visitas livres é só aparecer.
E2	Não específicas, atividades destinadas a todos	Visitas orientadas e temáticas e atividades regulares; ofertas do museu: workshops, cursos, espetáculos; conferências	Varia As visitas orientadas não excedem uma hora e meia e tem em conta as dificuldades de mobilidade.	Não foi feita a pergunta	Para visitas orientadas e atividades é por marcação por telefone ou e-mail, Para visitas livres é só aparecer.
E3	Não específicas, atividades	Visitas temáticas, ateliês de experimentação e criação,	Varia	Entre os 12 e os 14 participantes.	Para visitas guiadas e atividades é por marcação por

	destinadas a todos	investigações na biblioteca; eventos (inaugurações de exposições, lançamento de livros, o dia Mundial dos Museus, palestras); projetos pedagógicos (anualmente) (sem lista de atividades pré-estabelecida).			telefone ou e-mail, Para visitas livres é só aparecer.
E4	Não específicas, atividades destinadas a todos	Visitas comentadas e orientadas bastante interativas, jogos, oficinas de expressão corporal e expressão dramática.	Varia entre os 45 e os 60 minutos conforme os espaços a visitar e tendo em atenção a pausas para descanso.	Não existe devido a não haver tantos grupos ao mesmo tempo no museu.	Para visitas guiadas e atividades é por marcação por telefone ou e-mail. Para visitas livres é só aparecer.
E5	Não específicas, atividades destinadas a todos	Visitas comentadas e orientadas bastante interativas; jogos, oficinas de expressão corporal e expressão dramática.	Varia entre os 45 e os 60 minutos conforme os espaços a visitar e tendo em atenção a pausas para descanso.	Não existe devido a não haver tantos grupos ao mesmo tempo no museu.	Para visitas guiadas e atividades é por marcação por telefone ou e-mail, Para visitas livres é só aparecer.
E6	Específicas	Visitas guiadas e Ateliê de Douramento	Varia Visitas - uma hora, uma hora e meia dependendo se é um público participativo ou não.	Visita e ateliê: sem pandemia - entre 25; com pandemia - são 12. Se vierem de Lares podem ser 7 ou 8. De instituições paralelas podem vir 10.	Para visitas guiadas e atividades é por marcação por telefone ou e-mail. Para visitas livres é só aparecer.
E7	Específicas e incluídos no grupo famílias	Atividades práticas e temáticas (Público 60+) como complemento à visita ao Centro	Varia conforme as mesmas.	Atividades realizadas no pavilhão: pré-pandemia - 18 participantes devido às limitações do espaço; Atividade fora 'Experiência fora	Para atividades é por marcação por telefone ou e-mail. Para visitas livres é só aparecer.

				de portas' – em média 20 participantes, depende sempre da instituição que os recebem.	
--	--	--	--	---	--

Os Museus têm dedicações e ofertas de dimensão variável. Alguns realizam projetos continuados que perduram com o mesmo grupo vários anos, sendo realizados no museu e na instituição a que os idosos se inserem. Outros realizam atividades fora do museu, denominadas de 'experiências fora de portas', visitas a espaços não visitáveis, isto é, espaços que geralmente não permitem visitas como por exemplo as oficinas de manutenção da TAP, Central Pneumopática, OLXCravo Centro de Recuperação de Vida de Animais Silvestres em Monsanto, Passadiços da Cúpula do Meo Altice Arena. Porém, devido à pandemia, estas encontravam-se, no momento da entrevista, suspensas. As atividades podem ainda fazer parte do âmbito da semana ALV – 'Aprender ao longo da vida', onde criam uma ou duas atividades diferenciadas que só ocorriam durante a semana deste evento como forma de promover a aprendizagem ao longo da vida. Aqui, os idosos, visitavam as exposições e faziam depois as atividades relacionadas com as exposições temporárias disponíveis no museu. Podem existir programas de voluntariado sénior que permitem acompanhar as atividades e apoiar os monitores do museu. Existem ainda museus interligados, com visitas complementares. Muitos museus permitem trocas geracionais.

3.2.7. Competências promovidas nos idosos

Para todos os museus parece ser difícil saber, no momento em que estão a executar as ações educativas que competências os idosos adquirem ou desenvolvem. Porém, acreditam que os idosos adquirem competências sociais e pessoais, e capacidades de saber fazer. Assim, todas as entidades permitem que os idosos estejam incluídos socialmente, que consigam obter conhecimentos que lhes possibilitem formar opiniões sobre vários assuntos e terem capacidade de tomarem iniciativa, onde partilham as suas ideias, memórias, opiniões, dúvidas, etc., desenvolvam competências intelectuais, capacidade de se relacionarem com outras pessoas, ganhem mais autoestima e auto-confiança e sintam-se capazes, o que os vai tornar e manter mais ativos.

A este respeito, referem-se os ganhos de destreza a nível vocabular e de trabalho da motricidade fina. Porém, existem algumas diferenças quanto a estas aquisições. Apenas um museu contribui para a literacia científica:

“Ao estarmos a contribuir para a sua literacia científica, obviamente que eles se sentem muito mais empoderados, de saber discernir quando veem algum tipo de informação na televisão, ou veem nos jornais, onde é que devem de procurar informação.”

Outras competências passam por apreciarem a arte, bem como a compreendê-la, a serem criativos, a saberem ver para além do óbvio, a admirar o que os rodeia e a terem pensamento crítico. Ou ainda o respeito pela diversidade cultural, o que poderá resultar no aumento da tolerância face ao outro, aumentando também a auto-percepção.

Assim sendo, as atividades desenvolvidas com os idosos permitem que estes se adaptem às mudanças que ocorrem ao longo da vida e que estes se tornem mais ativos na sociedade, contribuindo para o seu bem-estar e para que ocorra um envelhecimento ativo.

Conclusões

Para concluir, retomamos a questão de partida desta dissertação, bem como os objetivos estabelecidos inicialmente, de maneira a verificar se estes foram cumpridos e quais as respostas encontradas. A pergunta de partida desta dissertação foi: de que forma é que os museus incluem ofertas de educação não formal destinadas ao público mais velho, concretamente os idosos? O trabalho desenvolvido permitiu verificar que os Museus incluem práticas de educação não formal através das suas programações, atividades desenvolvidas por equipas que constituem os Serviços Educativos. Estas caracterizam-se por um número reduzido de pessoas fixas e por um número variável de elementos exteriores, contratados sempre que necessário.

As ações desenvolvidas dependem das missões, dos objetivos e finalidades destes serviços. Assim, constatou-se que as suas preocupações são maioritariamente a nível social e educativo, assentando na coleção e nos objetos expostos, mas com maior predominância nas pessoas e em capacitá-las de competências e de conhecimentos. É através das ações desenvolvidas que os museus possibilitam o envolvimento da comunidade, contribuindo e promovendo o respeito entre as pessoas, na sua diversidade. Contribuem para a integração social dos idosos, possibilitam diálogos, reflexões e aprendizagens, mas também, a estimulação da memória e o despoletar de sentimentos.

Percebemos que os Serviços Educativos têm um papel fundamental na criação de relações entre os diferentes públicos, já que permitem diversas formas de relações e interações. Funcionam como guias e mediadores entre a coleção e o público, contribuem para a promoção do património, divulgam novos conhecimentos e saberes, e promovem o desenvolvimento de competências sociais e pessoais. São ainda inclusivos e integradores, permitindo a partilha intergeracional e multicultural. Estas relações estabelecidas revelam-se positivas uma vez que se refletem no regresso dos idosos aos museus.

O nosso primeiro objetivo consistia em analisar as ações educativas promovidas pelos museus, de maneira a saber o que é feito neste domínio, nomeadamente no âmbito da educação não formal destinada aos idosos. Verificou-se que promovem ações educativas semelhantes, constituídas essencialmente por visitas guiadas/orientadas e por visitas temáticas, em campos de alguma diversidade como a arte, as ciências e tecnologias, a história, a cultura oriental e por atividades mais práticas como por exemplo ateliês, oficinas, cursos e *workshops*.

A diferença maior no trabalho desenvolvido pelas instituições consiste na existência, ou não, de projetos continuados que possibilitam e contribuem para a aprendizagem ao longo da vida, na existência de atividades fora do museu e no tipo de atividades. Existem atividades específicas para os idosos e atividades para o público em geral, ou seja, para todos; os idosos podem, também, estar inseridos nos grupos de adultos, como no das famílias. Na maioria dos casos existe uma preocupação em ajustar as visitas a este público (quer em número de participantes quer na sua duração). É de salientar, ainda, que todos os Serviços Educativos querem continuar a trabalhar com o público idoso e pretendem melhorar a oferta e os serviços a ele destinados, até pela aprendizagem mútua que é estabelecida.

As necessidades deste tipo de público, identificadas pelos entrevistados, passam sobretudo por questões de afetividade e empatia (carinho, atenção, respeito, dignidade, acolhimento), fato que parece indicar que as aprendizagens são secundarizadas em detrimento das relações sociais.

Na maioria dos casos, devido à organização dos diferentes serviços e estruturas dos museus, existe a dificuldade em indicar quantos visitantes efetivamente representam este público de entre o total de visitantes do museu (quase sempre por razões de bilheteira, aspeto que escapa ao controlo do Serviço Educativo), sendo que as visitas fazem-se, sobretudo, em grupo enquadradas por alguma instituição ou entidade (Universidade Sénior, Juntas de Freguesia, etc.), ocorrendo maioritariamente aos fins de semana. Trata-se de um público que varia quanto ao género, quanto às habilitações/qualificações, sobretudo com idades entre os 60-70 anos, e oriundos em maior número da região de Lisboa.

Em segundo lugar pretendeu-se identificar a forma como os responsáveis pela área educativa das diferentes instituições bem como os respetivos diretores/as fomentam estas ações, verificando-se que todos os museus têm em conta a diversidade de se ser idoso para a implementação das atividades, uma vez que adequam as suas propostas de acordo com as especificidades dos idosos, recorrendo a estratégias de atração deste público que remetem para atividades práticas e interativas onde possam experimentar fazer. Os métodos resultam ou adaptam-se ao conceito de uma educação não formal ao partirem dos interesses dos idosos, dos seus conhecimentos e necessidades, atendendo aos seus ritmos, espaços de participação, reflexão, debate e partilha / interação com o outro, no sentido de trabalharem as suas capacidades físicas e cognitivas assegurando o seu envolvimento ativo.

Por tudo o que ficou dito, os museus, através dos seus Serviços Educativos, prestam um serviço sócio educativo, independentemente de serem estatais/públicos ou privados, assegurando a educação não formal ao longo da vida, contribuindo decisivamente para o envelhecimento ativo da população idosa.

Desta forma, os nossos resultados vão ao encontro do que referem Gohn (2014), Moniz (2011), Figurelli (2010) e Nogueira (2007), sobre a educação não formal dar primazia às pessoas, partir do que elas já sabem e dos seus interesses e necessidades; aos de Ávila (2008) quando refere que os contextos de educação não formal podem proporcionar aos indivíduos aquisições de competências e capacidades de maneira a que estejam inseridos socialmente. Ainda, aos de Loureiro (2019) quando refere que esta educação possibilita a troca de saberes entre gerações; aos de Xavier (2014) e Canário (2006) uma vez que também permite a inclusão social; aos de Morand-Aymon (2007) e Nogueira (2007) relativamente ao fato das atividades realizadas neste contexto de educação não formal, contribuírem para que seja construída uma educação de proximidade, incentivadora da participação e que contribua para uma melhoria da auto estima de quem participa. Desta forma, o museu funciona como um espaço de troca, de produção de sentidos, de criação e um espaço de memória, tal como referem Lopes e Pedrosa (2018), Rafael e Palma (2013), Sousa (2010) e Figurelli (2010).

O nosso trabalho também está em conformidade com o que afirma Dawson (2014) acerca dos serviços educativos quando diz que funcionam como guias, dão apoio, orientam e dão suporte e assistência como por exemplo linguística, para que os visitantes consigam descodificar o que os rodeia no museu. Tal como Figurelli (2012) defendeu, constatámos também que todos os museus pensam nos diferentes tipos de visitantes e adaptam as suas ações às várias faixas etárias, e, de acordo com Carvalho, Lopes e Cancela (2017), trabalham segundo uma perspetiva educativa transformadora, onde incluem todos os públicos para dentro dele.

Em conformidade com Sousa (2010), também percebemos que os idosos percecionam os museus de forma diferente dos outros grupos etários; de acordo com Loureiro (2019) constatou-se, ainda, que os idosos têm saberes e experiências que acumularam ao longo das suas vidas e, desta forma, podem continuar a contribuir para a sociedade, tal como verificámos no caso de um museu que através de um programa de voluntariado dirigido a esta população, conseguia inclui-los nos seus programas e atividades.

Como sugestões de futuras investigações seria interessante fazer um trabalho de campo mais aprofundado, que permitisse acompanhar a execução das atividades para este público, e, também investigar a perceção dos idosos acerca da sua experiência no museu, a fim de confirmar se sentem que adquiriram competências, e se o que aprendem no museu lhes é útil para a sua vida diária, identificando situações em que tenham sentido que o museu tenha contribuído para a ocorrência de alguma mudança pessoal (a nível de destreza, de pensamento e de perceção das coisas).

Referências Bibliográficas

- Aboim, S. (2014). Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento. In P. Alcântara da Silva & F. Carreira da Silva (org.). *Ciências Sociais: Vocação e Profissão – Homenagem a Manuel Villaverde Cabral*. Lisboa: ICS.
- Alcoforado, L., Rodrigues, H., & Alcoforado, A. (2016). Acessibilidade intelectual e aprendizagem transformativa: os museus como espaços educativos de pessoas adultas. *Laplage em Revista (Sorocaba)*, 2(1), pp. 112-126.
- Alves dos Santos, J. (2009). *Rede Portuguesa de Museus: as formas de articulação e cooperação inter-museus*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, não publicada. Lisboa: ISCTE.
- Antunes, M. (2015). Pelos Caminhos da Museologia em Portugal. *Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR*, Penedo, Número Especial, pp. 142-156.
- Antunes, M., & Jesus C. (2018). O Museu como contexto de educação comunitária: um projecto de promoção do envelhecimento bem-sucedido. *Estud. Interdiscipl. Envelhec.* 23(1), pp. 9-26.
- Ávila, P. (2008). *A Literacia dos Adultos. Competências-Chave na Sociedade do Conhecimento*. Lisboa: Celta Editora.
- Azevedo, C. (2019). *Demasiado velho para o digital?: Envelhecimento ativo e os usos das TIC por pessoas mais velhas no Brasil e em Portugal*. Lisboa: ICNOVA- Instituto de Comunicação da NOVA.
- Bárrios, M. (2011). *Programa de Intervenção Municipal Orientados para a Promoção do Envelhecimento Activo*. Dissertação de Mestrado em Saúde e Envelhecimento, não publicada. Lisboa: UNL-FCM.
- Bárrios, M., & Fernandes, A. (2014). A promoção do envelhecimento ativo ao nível local: análise de programas de intervenção autárquica. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*. 32(2), pp. 188-196.
- Bernard, H.R. (2006). *Research methods in anthropology – Qualitative and quantitative approaches*. Oxford: AltaMira press.
- Bernet, J. (1986). *La educación informal*. Barcelona: PPU, S.A. (Promociones Publicaciones Universitarias).
- Bernet, J. (1993). *Outras educaciones: animación sociocultural, formación de adultos y ciudad educativa*. Barcelona: Editorial Antropos.
- Braga, A. (2018). *O papel educativo do museu de olaria e o seu contributo para a educação artística: reflexões sobre estratégias de sensibilização e valorização de uma arte identitária de Barcelos*. Mestrado em Educação Artística, não-publicada. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Educação.
- Brandão, J. (1996). Acção Cultural e Educação em Museus. *Cadernos de Museologia*, 5, pp. 58-66.
- Branquinho, M. (2012). *O contributo da criação do serviço educativo em artes para o reforço da missão da Casa Municipal da Cultura de Seia*. Mestrado em Animação Artística, não-publicada. Viseu: Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Educação de Viseu.
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods (4th edition)*. Oxford: University Press.
- Cabral, M.V., et al. (Coord.). (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal - Usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Canário, R. (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In L. Lima, A. Pacheco, M. Esteves & R. Canário. *A educação em Portugal (1986-2006). Alguns contributos de investigação*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Capucha, L. (2014). Envelhecimento e políticas sociais em tempos de crise. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 74, pp. 113-131.
- Carvalho, C., Lopes, J., & Cancela, C. (2017). O que andam a dizer sobre educação, museu e cidade educadora? *Sociologia ON LINE*, 15, pp. 31-53.
- Coffee, K. (2008). Cultural inclusion, exclusion and the formative roles of museums. *Museum Management and Curatorship*, 23(3), pp. 261-279.

- Coito e Araujo, O. (2016). *Os Idosos Como Públicos de Museus*. Mestrado em Museologia, não-publicada. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Costa, H., & Senha, J. (2015). EGEAC- Serviços Educativos: uma aposta com distintas abordagens. *Interações*, 35, pp. 161-173.
- Dawson, E. (2014). Equity in informal science education: developing an access and equity framework for science museums and science centres. *Studies in Science Education*, 50(2), pp. 209-247.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2000). The discipline and practice of qualitative research. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds). *The SAGE handbook of qualitative research (3th ed.)*. Thousand Oaks, SAGE Publications, Lda.
- Fernandes, R. (2020). *A origem e o papel dos Serviços Educativos dos Museus da RAM: uma abordagem*. Mestrado em Estudos Regionais e Locais, não-publicada. Madeira: Universidade da Madeira.
- Ferreira, P. (2015). Envelhecimento e direitos humanos. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 20, n. especial, pp. 183-197.
- Figurelli, G. (2015). Os Serviços Educativos em Museus Portugueses: Uma contextualização Histórica. *Cadernos de Sociomuseologia*, 6, pp. 115-135.
- Figurelli, G. (2012). Articulação entre Educação e Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, 44, pp. 37-64.
- Figurelli, G. (2010). *O público esquecido pelo serviço educativo: estudo de caso sobre um programa educativo direcionado aos funcionários de museu*. Dissertação de Mestrado em Museologia, não publicada. Lisboa: ULHT-FAUGA.
- Filippopoliti, A., & Koliopoulos, D. (2014). Informal and non-formal education: An outline of History of Science in museums. *Science & Education*, 23, pp. 781-791.
- Gohn, M. (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Educação*, 11ª série, 1, pp. 35-50.
- Gomes da Silva, L. (2014). *Museus no Centro: uma rede em Construção*. Relatório de estágio de mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural, não-publicado. Coimbra: Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da universidade de Coimbra.
- Gomes, M., & Bernardo da Cunha, M. (2013). O museu como agente de transformação - a inclusão cultural. *Cadernos de Sociomuseologia*, 1 (45), pp. 61-84.
- INE (2002). *O Envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas*. Lisboa: INE.
- Lopes, A., & Lemos, R. (2012). Envelhecimento demográfico: percursos e contextos de investigação na Sociologia Portuguesa. *Sociologia (Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto)*, Número temático: Envelhecimento demográfico, pp. 13-31.
- Lopes, G., & Pedrosa, C. (2018). Projeto Museu Mais Ativo. *Research and Networks in Health*, 4, pp. 1-2.
- Loureiro, A. (2019). Desafios do Envelhecimento Populacional: por uma educação permanente participada. *Laplage em revista (Sorocaba)*, 5(2), pp. 42-49.
- Marcelino, A. (2014). *A importância de projetos e atividades de Envelhecimento Ativo para populações seniores: o exemplo da Casa-Museu- Centro Cultural João Soares-Cortes (Leiria)*. Relatório de Mestrado em Intervenção para um Envelhecimento Ativo, não publicado. Leiria: IPL-ESECS, ESS.
- Mauritti, R. (2004). Padrões de Vida na velhice. *Análise Social*. XXXIX(171), pp. 339-363.
- Mendes, J. (2013). *Estudos do Património: Museus e Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Moniz, M. (2011). *O serviço educativo como dinâmica e processo de renovação de públicos em Ponta Delgada*. Trabalho de projeto do Mestrado em Práticas Culturais para Municípios, não publicada. Lisboa: UNL-FCSH.
- Morand-Aymon, B. (2007). *Olhares cruzados sobre a educação não formal – análise de práticas e recomendações*. Lisboa: Direcção Geral de Formação Vocacional.
- Negreiros, Dilma de Andrade. (2017). *Potenciar a Acessibilidade Cultural em Ambientes Culturais: um estudo exploratório em Museus*. Mestrado em Comunicação Acessível, não-publicada. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

- Neves, J. (2020). O estudo dos públicos nos museus nacionais: enquadramento e metodologia. *Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*. 3(1), pp. 23-32.
- Neves, J., Foà, C., Santos, J., Lima, M., Pereira, T., & Schiappa, M. (2018). *Estudo de públicos de Museus Nacionais - Públicos do Museu Nacional do Azulejo*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural.
- Neves, J., Santos, J., Lima, M., & Miranda, A. (2019). *Estudo de públicos de Museus Nacionais - Públicos do Museu Nacional dos Coches*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural.
- Neves, J., Alves dos Santos, J., & Lima, M. (2013). *O panorama museológico em Portugal: Os museus e a Rede portuguesa de Museus na Primeira década do século XXI*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural.
- Neves, J.,; Alves dos Santos, J., & Nunes, J. (2008). Os museus em Portugal: políticas públicas e dinâmicas do sector em Portugal nos anos mais recentes. *VI Congresso Português de Sociologia: Mundos Sociais- Saberes e Práticas*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – FCSH.
- Nogueira, I. (2007). *Contextos educativos não formais: reconhecimento, valorização e capacidade motivacional – relatório nacional*. Lisboa: Direção-Geral de Formação Vocacional.
- Oliveira, G. (2013). O museu como instrumento de reflexão social. *MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares*, 2, pp. 1-15.
- OMS. (2005). *Envelhecimento ativo: Uma Política de Saúde*. Brasília, DF: Organização Pan Americana da Saúde.
- Pereira, A. (2015). *Avaliação das práticas de mediação cultural: o caso do Museu Casa do Infante*. Mestrado em História e Património, não-publicada. Porto: UP-FL.
- Pinto, L. (2007). *Educação não-formal: um contributo para a compreensão do conceito e das práticas em Portugal*. Dissertação de Mestrado, não-publicada. Lisboa: ISCTE.
- Portela de Sá, R. (2016). *Relação do público sénior com o Museu de Olaria de Barcelos*. Mestrado em Gestão Artística e Cultural, não-publicada. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Educação.
- Rafael, L., & Palma, M. (2013). Os museus como espaços de sociabilidade: as experiências educativas do museu de Mértola. *Revista Vox Musei arte e património*. 2 (2), pp. 263-275.
- Rosa, M. (2012). *O Envelhecimento da sociedade portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Sequeira, S. (2013). *Animar para melhor envelhecer, com satisfação (Animação Sociocultural em idosos de centros de dia do concelho de Castelo Branco)*. Mestrado em Gerontologia Social, não-publicada. Castelo Branco: Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação.
- Silva, P., Pimentel, A., & Carvalho, J. (2010). *Construindo masculinidades: estudo das percepções em Idosos do distrito do Porto*. Comunicação oral apresentada no Seminário Internacional: Fazendo Género 9 – Diásporas, diversidades, deslocamentos. Não publicada. Santa Catarina (Brasil): UFSC. (9 pp.).
- Simões de Sousa, D. (2015). *O Serviço Educativo em Arquivos, Bibliotecas, Museus e Centros de Documentação: um estudo de casos implementados na Região de Aveiro*. Mestrado em Educação e Bibliotecas, não-publicada. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- SNS (2017). *Estratégia nacional para o envelhecimento ativo e saudável 2017-2025*. Lisboa: DGS.
- Sousa, J. (2010). Museu, 3ª Idade e Animação: Relações de Enriquecimento. *Revista Práticas de Animação*. 4(3), pp. 1-14.
- Xavier, S. (2014). A problemática do auto-reconhecimento da educação/aprendizagem não formal – um contributo pratico. *Interações*. 29, pp. 171-184.

Webgrafia

Casa Fernando Pessoa (s.d). Serviço Educativo. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.casafernandopessoa.pt/pt/cfp/servico-educativo>

Casa-Museu Medeiros e Almeida (s.d). Passaporte Escolar – Câmara Municipal de Lisboa. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.casa-museumediosealmeida.pt/pecas/passaporte-escolar-camara-municipal-lisboa/>

DGPC (s.d). Serviços Educativos. Consultado a 15 de Março de 2021. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/dgpc/servicos-educativos/>

Fundação edp (s.d). Serviço Educativo das Ciências. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.fundacaoedp.pt/pt/conteudo/servico-educativo-das-ciencias>

Fundação Oriente: Museu do Oriente (s.d) Serviço Educativo. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.foriente.pt/list.php?area=servico-educativo>

INE. (s.d). Base de dados: Visitantes (nº) de museus por tipologia anual. Consultado a 12 de Março de 2021. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0007519&contexto=bd&selTab=tab2

MAAT (s.d). Serviço Educativo das Artes. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.fundacaoedp.pt/pt/conteudo/servico-educativo-das-artes>

Museu Arqueológico do Carmo (s.d). Serviço Educativo. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/servico_educativo.html

Museu Benfica (s.d). Oferta Educativa. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.slbenfica.pt/pt-pt/instalacoes/museu-benfica/oferta-educativa>.

Museu Calouste Gulbenkian (2021). História das Exposições de Arte Gulbenkian. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/materiais-de-apoio/historia-dos-organismos/museu-calouste-gulbenkian/>

Museu Coleção Berardo (s.d). Educar. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://pt.museuberardo.pt/educacao/atividades>

Museu da Água. (s.d). Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-da-agua/>

Museu da Carris (2021). Missão Educativa. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://museu.carris.pt/projeto-educativo/>

Museu da Fundação Arpad Szenes. (s.d). Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-da-fundacao-arpad-szenes-vieira-da-silva/>

Museu da Marioneta (s.d). Serviço Educativo. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.museudamarioneta.pt/pt/servico-educativo/>

Museu da Presidência da República (s.d). Um Museu em movimento: a caminhada da Cidadania. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.museu.presidencia.pt/pt/fazer/um-museu-em-movimento-a-caminho-da-cidadania/>

Museu das Comunicações (s.d). Atividades. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.fpc.pt/pt/atividades/>

Museu de Lisboa (s.d). Educação. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.museudelisboa.pt/pt/educacao>

Museu do Aljube (s.d). Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.museudoaljube.pt/>

Museu do Fado (s.d). Venha visitar o Fado e visitar as próximas exposições. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.museudofado.pt/visitar>

Museu Júlio Pomar (s.d). Serviço Educativo. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.ateliermuseujuliopomar.pt/html/servicoeducativo/apresentacao/apresentacao.html>

Museu Rafael Bordalo Pinheiro (s.d). Informações: Quem Somos. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://museubordalopinheiro.pt/quem-somos/>

Património Cultural. (s.d). Rede Portuguesa de Museus. Consultado a 12 de Março de 2021. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/>

Pavilhão do Conhecimento – Centro Ciência Viva (s.d). Equipa. Consultado a 17 de Março de 2021. Disponível em: <https://www.pavconhecimento.pt/conheca-nos/equipa/>

Anexos

Anexo A – Listagem das Ações Educativas para o público idoso em cada museu (com recurso aos sites de cada um)

E1:

Visitas temáticas às exposições:

Filtrar o olhar – “O mundo mudou. Apareceu a fotografia, o homem já consegue sobrevoar o mundo, já quase ninguém trabalha sem um computador... São muitos os novos dados que nos fazem, em poucas décadas, deixar de representar o mundo de forma figurativa para passarmos a esquemas abstratos. Através de factos da história e de exemplos presentes na Coleção Berardo pretendemos fazer entender este fenómeno tão estimulante e surpreendente.”

São os novos modelos de cor- “Ouvimos dizer que há artistas que já não pintam com pincel, que há escultores que já não usam as mãos, que existem obras feitas a partir de lixo, que há novos modelos de cor... Que ainda há muito mundo por descobrir e desenhar na nossa imaginação. O que há de tão diferente num museu de arte contemporânea? O que nos irá surpreender, é o que vamos descobrir ao longo da visita à Coleção Berardo.”

Visitas guiadas:

Percurso pela Coleção Berardo. Parte I: 1900 – 1960 – “Este percurso pela exposição Coleção Berardo (1900-1960) propõe uma aproximação à arte moderna através da abordagem dos movimentos e dos artistas da primeira metade do século XX, bem como das questões artísticas debatidas nesta época.”

Percurso pela Coleção Berardo. Parte II: 1960 – 2010 – “Este percurso pela exposição Coleção Berardo (1960-2010) propõe uma aproximação à arte contemporânea através da reflexão sobre as questões artísticas da segunda metade do século XX e início do século XXI, de forma a que melhor possamos compreender e conhecer a arte do nosso tempo.”

E2:

Atividades regulares:

Visitas orientadas: temáticas e gerais (Circuitos pelo Oriente) às exposições permanentes:

Presença Portuguesa na Ásia – Explora-se a temática dos Descobrimentos e o relacionamento entre Portugal.

Oriente e A Ópera Chinesa - Conta a história desta arte performativa através de 280 peças como trajes, toucados, perucas, máscaras e fotografias, numa impressionante cenografia.

Atividades do museu:

Ioga para todos

Ioga, palavra proveniente da raiz sânscrita Yuj, significa «união», «junção». Assim, através de uma filosofia e de uma prática, o ioga procura a união do ser humano com a sua essência. O conjunto de técnicas desenvolvidas tem como principais objectivos o trabalho do autoconhecimento, equilíbrio entre corpo e mente e a promoção da saúde física e espiritual.

Em colaboração com a Federação Portuguesa de Yoga.

Tenchi Tessen – a arte do leque e do sopro

O tenchi tesssen é uma arte do movimento. A sua finalidade é permitir ao ser humano reencontrar a harmonia consigo e com o Mundo, entre o céu (ten) e a terra (chi). Criado por Georges Stobbaerts, o tenchi tesssen pode comparar-se a uma dança hierática, a uma arte para a unidade do corpo, que se situa no instante presente, onde o leque substitui o sabre e a confrontação dá lugar à conciliação.

Em colaboração com a Escola TenChi – Associação TenChi Internacional

Dança Oriental

A dança oriental é uma dança de mulheres para mulheres de todas as idades e formas físicas. Este tipo de dança tem como característica principal o movimento rítmico das ancas e dos músculos do ventre. É composta por uma série de movimentos de vibrações, acentuações, ondulações, movimentos pélvicos e rotações, que trabalham o corpo como um todo. Com movimentos aliados à música e a uma sinuosidade semelhante à de uma serpente eram, originalmente, parte integrante do ritual de fertilidade e de preparação para a maternidade. A dança orienta promove a sociabilização, a auto-estima, a sensualidade, a força, a resistência, a flexibilidade, a coordenação, a consciência corporal e o equilíbrio, e principalmente, descobre-se que é possível divertir-nos dançando, libertando e controlando o corpo ao mesmo tempo. Os benefícios físicos e emocionais da Dança Oriental fazem com que seja uma autêntica terapia para o corpo e para a mente.

Tai-Chi

Venha cultivar o equilíbrio e harmonia, através de uma prática corporal e meditativa oriunda da tradição clássica chinesa. Serão exercitados o alinhamento corporal, o relaxamento e a meditação, através de um conjunto de práticas, que envolvem o corpo e a mente, destinadas a conferir ao praticante a harmonia interior necessária a um auspicioso início de novo ciclo.

Violino para adultos

Gosta de música? Tocar violino foi um daqueles sonhos que nunca conseguiu realizar? Acha que já não tem idade para se “meter nestas coisas”? Gostaria de aprender a ler música, mas não se quer comprometer com a compra de um instrumento? Então, estas aulas são mesmo para si!

As aulas de violino para adultos do Museu do Oriente surgiram em 2017 como uma oportunidade para quem, sem formação musical, sempre ambicionou tocar este instrumento.

O ensino de adultos, em grupo, torna o Projecto *Violinos do Oriente* pioneiro e inovador no contexto do ensino da música.

E3:

Visitas Virtuais, Visitas orientadas (gerais e temáticas), **visitas pedagógicas, visitas comentadas, visitas guiadas e oficinas plásticas** nas áreas do desenho, da colagem, da fotografia, etc. - no mais alargado campo da criatividade e experimentação artística. A programação contempla ainda o acolhimento e **desenvolvimento individual (ou de grupo) de projetos e parcerias** inovadoras, de âmbito formativo, pedagógico, de investigação ou de integração, no domínio dos conteúdos e aprendizagens que a coleção propõe no cruzamento partilhado de outras abordagens e saberes.

Visitas Guiadas às exposições:

Arte??? Isto eu também fazia...

Ajudar a entender o que se passou nos últimos 100 anos na criação artística em Portugal e na Europa, fazendo-se uma viagem pela arte desde o início do século XX até aos caminhos artísticos do século XXI.

E depois dos anos 60?

Na década de 60, vários são os artistas que saem do país e tentam encontrar a liberdade e a individualidade artística em outros locais, tanto na Europa como nos EUA. Tratar-se-á de como foi encarada, vivida e realizada a obra de arte a partir dos anos 1960, quais os intervenientes e de que forma essas outras vivências modificaram a Arte Contemporânea em Portugal.

Movimentos Artísticos

Conhecendo e aprofundando como surgiram e se desenvolveram, ao longo dos tempos, os vários movimentos artísticos desde o final do século XIX aos dias de hoje, iremos analisar o que são esses ismos e de que forma alteraram a visão da Arte.

Modernismo em Portugal

Que motivos levaram os jovens artistas portugueses a fazerem parte integrante do movimento modernista. Quem foram e de que forma influenciaram as subseqüentes gerações de artistas? De António Carneiro a Almada Negreiros, as vidas, os artistas, as suas obras.

Modernismo na Escrita e na Arte

De que forma a Escritas e as Artes se inter-influenciaram no início do século XX e como o resultado foi algo diferente e nem sempre aceite pelo público e pela crítica.

Retrato e Autorretrato

A representação do Eu e do outro, a pintura, as colagens, a escultura, a fotografia e o vídeo, como base de representação do rosto e do corpo num retrato ou autorretrato.

O Chiado de outrora...

As histórias, as lojas, os teatros, os nomes. Toda a memória do que foi (e é) esta zona da cidade.

O Caminho para a Luz porque passa pela Luz

Local: Galeria Millennium bcp

Exposição: Olhares Modernos

Local: Átrio do Museu

E4:

Visitas guiadas

Promoção de eventos que marcam o calendário cultural internacional e nacional: Dia Internacional dos Museus, a Noite Europeia dos Museus e as Jornadas Europeias do Património.

E5:

Visitas guiadas, porém, encontrava-se fechado para inaugurar uma exposição sobre a cestaria

E6:

Visitas orientadas à exposição

Visita específica: ‘Um Museu Mais Acessível para Todos’

“Os visitantes com incapacidade visual podem descobrir a coleção do Museu Nacional dos Coches através de dez postos com placas informativas, colocados junto a diversas tipologias de viaturas. As placas apresentam imagens em relevo, textos em braille e letra aumentada, em português e inglês.”

E7:

Público 60+

Atividades: visitas guiadas, atividades dentro do museu (de laboratório, cozinha e ateliês científicos) e experiências fora de portas.

Atividades:

Detectives à Mesa

“Conhece bem o que come? Sabe a diferença entre um alimento processado e um não processado? Quer aprender a interpretar um rótulo? Torne-se um detective de rótulos e conheça o que coloca na sua cozinha. Os aditivos serão vilões ou heróis? Para além disso, sabe o que são os “Es” nos rótulos dos produtos que utilizamos no dia-a-dia? Aprenda a desvendar parte da ciência que leva para a sua cozinha.”

Lagartas e Borboletas

“Embora a imagem das borboletas seja utilizada frequentemente nas artes visuais e na literatura, na verdade algumas são consideradas pragas, porque enquanto lagartas se alimentam de algumas plantas. Outras são benéficas pois comem insectos nefastos e também responsáveis por certas polinizações. Sabia que as borboletas são também responsáveis pela maior migração conhecida do mundo animal? Venha descobrir as particularidades únicas das borboletas, qual a sua função, o seu ciclo de vida e a sua real importância no mundo vivo.”

Máquinas e Engenhos

“Sabia que a ideia de máquina simples foi criada pelo filósofo grego Arquimedes, no século III a.C.? Foi Arquimedes que estudou estas máquinas pela primeira vez e por isso adquiriram o nome de máquinas "Arquimedianas": alavanca, polia e parafuso. Para compreender melhor o seu funcionamento e onde se aplicam na nossa vida quotidiana, vamos fazer uma viagem pela história das máquinas e engenhos, e construir uma com base nos mesmos princípios!”

Hortas à Janela

“As hortas verticais são cada vez mais uma solução para quem gostaria de ter mais espaço onde cultivar os seus temperos. Neste ateliê arregaçamos as mangas e pomos as mãos na terra para criar hortas dignas de qualquer janela.”

Chá com Ciência

“Sabe a diferença entre um chá e uma tisana? Como chegou o chá à Europa. Sabia que Portugal é o único país da Europa onde se cultiva chá? Sabia que esta tradição é responsável pela ingestão de antioxidantes? Venha tomar um chá com muita ciência e descubra os benefícios e a ciência por detrás deste ritual milenar”.

Experiências fora de portas: “PROGRAMA 2021” – Brevemente disponível

“Programa Experiências Fora de Portas a pensar no público sénior. Todos os meses os participantes terão acesso a experiências e lugares cujo acesso normalmente está vedado ao público.”

Anexo B - Guião de Entrevista ao Diretor/Diretora responsável pelo Serviço Educativo

Esta entrevista faz parte de um trabalho a desenvolver no âmbito do Mestrado em Educação e Sociedade, do Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE, que tem como objetivos conhecer a oferta de ações educativas disponibilizadas para o público idoso e identificar a forma como os responsáveis pela área educativa do museu fomentam essas ações.

Desta maneira agradeceríamos a sua colaboração, onde o anonimato e a confidencialidade estarão garantidos de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD). Aceita responder a esta entrevista, assim como a sua gravação e permite o tratamento e publicação dos dados obtidos?

Agradeço desde já a sua participação.

Tópico 1 – Caracterização sociodemográfica do/a entrevistado/a

Vamos começar por falar sobre si:

1.1. Perfil da/do entrevistada/do

Qual a sua área de formação?

Quais as suas habilitações académicas?

Quantos anos tem de experiência profissional?

Quais são as suas principais funções?

Está aqui a trabalhar à quanto tempo?

Tópico 2 – Visitantes no geral e caracterização do perfil do público idoso

Relativamente aos visitantes do museu refira:

2.1. Caracterização do perfil do público idoso

Qual é o número anual médio de visitantes ao Museu?

Qual a frequência de procura pelo público idoso? E em que contextos?

Como caracteriza o perfil deste público idoso, considerando o género, as qualificações, a origem geográfica/local de residência, a idade?

Sabe dizer como é que os idosos acedem ao museu (transporte próprio, institucional, etc.)?

Tópico 3 – Serviço Educativo do Museu

Relativamente ao serviço educativo refira:

3.1. Características do Serviço Educativo

Há quanto tempo existe o Serviço Educativo?

Qual é a missão do Serviço Educativo?

Dispõem de Recursos Humanos suficientes?

Por quantas pessoas é constituída a equipa que programa, realiza e participa nas atividades?

Quais são os critérios de escolha dessa equipa? Quem faz a seleção?

Em que é que este programa se distingue dos restantes programas do Serviço Educativo?

Considera importante estabelecer uma aproximação entre o público idoso e o museu? Porque?

Considera que o Serviço Educativo fornece espaços com as condições necessárias para receber com qualidade este tipo de visitantes?

Na sua opinião quais os maiores desafios para cativar a atenção deste público?

Como são preparadas as visitas ao museu com estas pessoas? Existe alguma planificação diferente da que fazem com outros públicos?

Que feedback obtém depois da visita?

Gostaria de receber com mais regularidade este público? Porquê?

Tem parcerias com instituições ligadas aos idosos? (Lares, Centros de Dia, Juntas de Freguesia, Universidades Sénior, etc.).

Tópico 4 – Ações Educativas

Relativamente às Ações Educativas refira:

4.1. Atividades realizadas no âmbito da educação não formal destina ao público idoso

Quais são as atividades/ações de cariz não formal que o Serviço Educativo fornece a este público?

Como são organizadas (oficinas, visitas gerais e/ou temáticas, concertos, cursos, projetos...)?

Que tipo de estratégias são utilizadas nas atividades (lúdicas, participativas, etc.)?

Qual a duração de cada uma delas?

Quais as finalidades e os objetivos?

Estas atividades vão possibilitar o ganho de algumas competências? Quais?

Como é que os idosos podem participar nestas ações/atividades (por marcação, via institucional, etc.)?

Funcionam todos os dias ou apenas nalguns?

As atividades são realizadas dentro do museu? Ou também são realizadas fora deste?

Existe um número máximo de participantes? Se sim, qual?

Tópico 5 – Avaliação das atividades e dos programas educativos

Relativamente à avaliação refira:

5.1. Caracterização da avaliação

Costumam avaliar o trabalho dos Serviços Educativos?

Que instrumentos são utilizados?

Quais são os objetivos da avaliação?

Este feedback é tido em conta para ações futuras?

Muito obrigada pela disponibilidade.

Anexo C – Guião de Entrevista a um representante da equipa técnica que operacionaliza as ações do Serviço Educativo

Esta entrevista faz parte de um trabalho a desenvolver no âmbito do Mestrado em Educação e Sociedade, do Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE, que tem como objetivos conhecer a oferta de ações educativas disponibilizadas para o público idoso e identificar a forma como os responsáveis pela área educativa do museu fomentam essas ações.

Desta maneira agradeceríamos a sua colaboração, onde o anonimato e a confidencialidade estarão garantidos de acordo com o Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD). Aceita responder a esta entrevista, assim como a sua gravação e permite o tratamento e publicação dos dados obtidos?

Agradeço desde já a sua participação.

Tópico 1 – Caracterização sociodemográfica do/a entrevistado/a

Vamos começar por falar sobre si:

1.2. Perfil da/do entrevistada/do

Qual a sua área de formação?

Qual a sua habilitação académica?

Quantos anos tem de experiência profissional?

Há quanto tempo é que trabalha aqui?

Quais são as suas funções?

Tópico 2 – Serviço Educativo do Museu

Relativamente ao serviço educativo refira:

2.1. Características do Serviço Educativo

Há quanto tempo existe o Serviço Educativo?

Qual é a missão, finalidades e objetivos do Serviço Educativo?

Existem critérios definidos para agendar as propostas do serviço? Se sim, quais?

Quem está responsável pelo serviço? Dispõem de Recursos Humanos suficientes?

De que forma está organizado o Serviço Educativo? Num único departamento ou em vários? Quais os prós e contras? Como é gerido?

Acha que a oferta fornecida por este serviço está adequada à realidade? Responde à procura?

Considera relevante a existência do Serviço Educativo?

Quantos programas educativos funcionam em simultâneo?

Por quantas pessoas é constituída a equipa que programa, realiza e participa nas atividades?

Quais são os critérios de escolha dessa equipa? Quem faz a seleção?

Na sua opinião o serviço contribui para que os seus públicos obtenham novas competências, experiências e conhecimentos?

O Serviço Educativo permite o desenvolvimento de relações de proximidade entre os públicos alvo e o museu?

Tem parcerias com instituições ligadas aos idosos? (Lares, Centros de Dia, Juntas de Freguesia, Universidades Sénior, etc.).

Tópico 3 – Visitantes no geral e caracterização do perfil do público idoso

Relativamente aos visitantes do museu refira:

3.1. Caracterização do perfil do público idoso

Qual é o número anual médio de visitantes ao Museu?

Qual a frequência de procura pelo público idoso? E em que contextos?

Como caracteriza o perfil deste público idoso, considerando o género, as qualificações, a origem geográfica/local de residência, a idade?

Sabe quais são as formas de acessibilidade do museu por parte do público idoso que o procura ou frequenta?

Tópico 4 – Relação do museu com o público idoso

Relativamente à relação do museu com o público idoso refira:

4.1. Relações estabelecidas com o público idoso

Como caracteriza a relação entre as atividades proporcionadas e o público idoso?

Na sua opinião quais são as principais necessidades deste público alvo? Como é que o museu concilia os seus diferentes objetivos com os interesses deste tipo de público?

Considera que o idoso contribui para o museu? Se, sim como?

Considera importante que o museu realize com maior frequência atividades de ocupação de tempos livres/ócio destinados aos idosos? Porquê?

Que relação futura o museu pretende estabelecer com os idosos?

Na sua opinião considera importantes as ações desenvolvidas para este grupo específico?

O que aprende com eles?

Tópico 5 – Ações Educativas

Relativamente às Ações Educativas refira:

5.1. Atividades realizadas no âmbito da educação não formal destinada ao público idoso

Quais são as atividades/ações de cariz não formal que o Serviço Educativo fornece a este público?

Como são organizadas (oficinas, visitas gerais e/ou temáticas, concertos, cursos, projetos...)?

Que tipo de estratégias são utilizadas nas atividades (lúdicas, participativas, etc.)?

Qual a duração de cada uma delas?

Quais as finalidades e os objetivos?

Estas atividades vão possibilitar o ganho de algumas competências? Quais?

Como é que os idosos podem participar nestas ações/atividades (por marcação, via institucional, etc.)?

Funcionam todos os dias ou apenas nalguns?

As atividades são realizadas dentro do museu? Ou também são realizadas fora deste?

Existe um número máximo de participantes? Se sim, qual?

Tópico 6 – Aplicação das atividades

Relativamente às estratégias de implementação das atividades refira:

6.1. Estratégias de implementação das atividades

Quais são as áreas temáticas que as atividades abordam?

Proporcionam condições que permitam a reflexão, o debate e a crítica?

Partem de um diagnóstico inicial da realidade dos idosos?

Têm em conta a diversidade de se ser idoso?

Quais são os seus principais objetivos quando trabalha com os idosos?

Para si o que significa atividades educativas bem sucedidas com os idosos?

Quais são as principais características da sua abordagem comunicativa perante este público? Como os cativam? (estratégias e métodos). Na sua opinião são uteis para a aprendizagem dos idosos? Se sim de que forma?

Que métodos são utilizados para a divulgação destas atividades junto deste público?

Tópico 7 – Avaliação das atividades e dos programas educativos

Relativamente à avaliação refira:

7.1. Caracterização da avaliação

Costumam avaliar o trabalho dos Serviços Educativos?

Que instrumentos são utilizados?

Quais são os objetivos da avaliação?

O que melhora nos programas e atividades?

Obtêm o feedback dos idosos? Como?

Este feedback é tido em conta para ações futuras?

Muito obrigada pela disponibilidade.